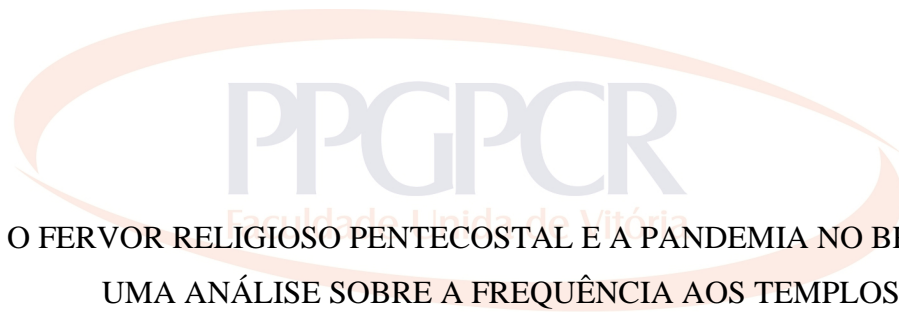


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JORGE DE SOUZA COUTINHO FILHO



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 27/02/2023.

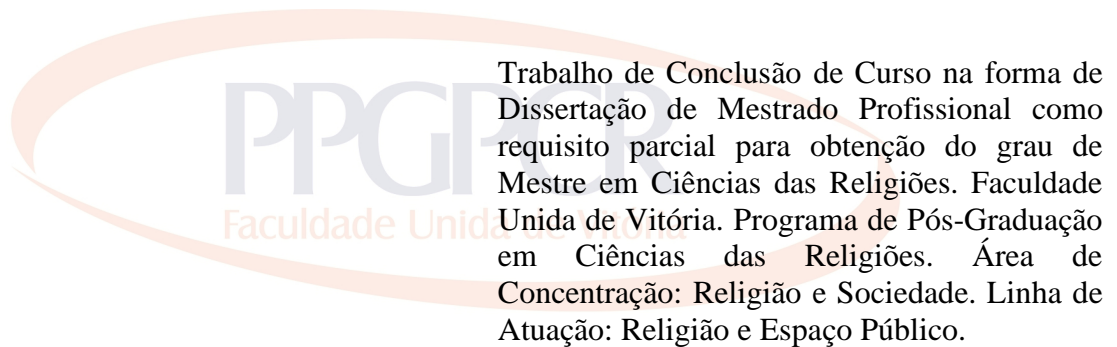
VITÓRIA-ES

2023

JORGE DE SOUZA COUTINHO FILHO

O FERVOR RELIGIOSO PENTECOSTAL E A PANDEMIA NO BRASIL:
UMA ANÁLISE SOBRE A FREQUÊNCIA AOS TEMPLOS

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 27/02/2023.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

VITÓRIA-ES

2023

Coutinho Filho, Jorge de Souza

O fervor religioso pentecostal e a Pandemia No Brasil / Uma análise sobre a frequência aos templos / Jorge de Souza Coutinho Filho. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.

viii, 82 f. ; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.

Referências bibliográficas: f. 79-82


1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Pentecostalismo. 4. Fervor religioso. 5. Pandemia. 6. Poder religioso. - Tese. I. Jorge de Souza Coutinho Filho. II. Faculdade Unida de Vitória, 2023. III. Título.

JORGE DE SOUZA COUTINHO FILHO

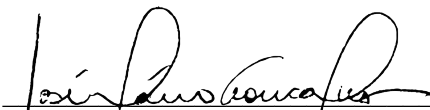
O FERVOR RELIGIOSO PENTECOSTAL E A PANDEMIA NO BRASIL:
UMA ANÁLISE SOBRE A FREQUÊNCIA AOS TEMPLOS

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 27 fev. 2023.



David Mesquiati de Oliveira, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



José Mario Gonçalves, Doutor em História, UNIDA.



Eunice de Oliveira Rios, Doutora em Geografia, UEG.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, que, em sua sabedoria, soberania e misericórdia, concedeu-me a vida e me vocacionou para escrever esta dissertação, no intuito de cooperar no entendimento dos pressupostos das Ciências das Religiões e daquelas pessoas que, obviamente, trabalham na docência do Ensino Religioso escolar.

Não poderia deixar de agradecer à Marcinha – *in memoriam* – pelos trinta e sete anos e quatro meses que fomos casados, convivendo em todas as horas, incentivando-me sempre em meus estudos e pesquisas. Certamente, ela representa um fator preponderante em minha matrícula no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, mas, pela soberania de Deus, deixou o mundo dos/as viventes rumo à eternidade.

Agradeço aos meus filhos, Idalécio David e Tiago Salmom, e a minha filha, Anna Paula, que nunca deixaram de acreditar em mim, especialmente nos momentos de luto, pela perda da mãe. Estiveram e estão sempre junto a mim, dizendo: pai, nós te amamos. Seja forte e vença as dificuldades, conquiste e termine seu curso!

Agradeço a minha querida mãe, Anna Coutinho, uma fortaleza para me refugiar. Aos 91 anos, porém, lucida e sempre com palavras de encorajamento, impulsionando-me para olhar para frente.

Agradeço aos meus colegas de curso que, apesar dos momentos de pandemia que furtaram de nós o calor presencial de uma turma, conseguimos – através de um grupo de *WhatsApp* – estreitar o relacionamento, favorecendo a mão amiga para ajudar e trocar informações e discussões que geraram aprendizado e crescimento mútuo.

Agradeço ao meu orientador, Dr. David Mesquiati de Oliveira, em sua sapiência, dedicação, expertise e paciência, desenhando um norte em minha pesquisa e gerando frutos significativos em minhas conclusões.

Finalizando, agradeço de forma especial a minha esposa, Rosemene Coutinho. Ela é fruto de um segundo relacionamento matrimonial surgido no momento mais crucial de minha vida, inclusive quando eu pensava desistir do curso de mestrado, em virtude da depressão ocasionada pelo luto. Todavia, Rosemene aparece em minha vida exalando calor, perfume e superação. Casamo-nos e, de modo carinhoso, sábio e eficaz, ela exerce o papel de adjutora, cooperadora, mulher e esposa, permitindo-nos experimentar um recomeço na vida a dois, e, com isso, conseguimos chegar ao final desta jornada.

RESUMO

O presente trabalho propõe um entendimento do aspecto do fervor religioso pentecostal e a pandemia da Covid-19, em sua influência na frequência aos templos pentecostais. O suporte teórico-metodológico se baseia no campo das Ciências das Religiões, a partir da pesquisa bibliográfica e entrevistas formuladas com pastores da igreja Assembleia de Deus, que, de algum modo, experimentaram os efeitos da pandemia da Covid-19. Nessa ótica, o caminho metodológico proposto e as experiências vivenciadas pelos pastores permitem um entendimento mais lato da manifestação do fervor religioso pentecostal em relação à frequência aos templos pentecostais no momento da pandemia da Covid-19. Para tanto, faz-se necessária uma síntese histórica inicial do pentecostalismo no Brasil, seguida de uma exposição teórica sobre o fervor religioso pentecostal e as implicações existenciais em relação aos templos pentecostais e sua influência nas pessoas, através dos símbolos, das liturgias de culto e dos rituais presentes no culto pentecostal. A justificativa consiste na descrição da manifestação do fervor religioso pentecostal na vida das pessoas, que as influencia em sua presença em um templo, independentemente das circunstâncias reinantes. Espera-se contribuir a partir desta pesquisa com uma discussão ampla de novas alternativas e readaptações em relação à frequência nos templos pentecostais, observando as lições que a pandemia da Covid-19 trouxe para a sociedade.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Fervor. Pandemia. Poder.



PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

ABSTRACT

The present work proposes an understanding of the Pentecostal religious fervor aspect and the covid-19 pandemic in its influence on attendance at temples. The theoretical and methodological support of this work is based on studies of the science of religions, bibliographic research, and interviews with pastors of Assemblies of God churches who have experienced the effects of the covid-19 pandemic. In which, from this perspective, bibliographical research and the experiences lived by pastors, allow us a broader understanding of the manifestation of Pentecostal religious fervor and the frequency of Pentecostal temples at the time of the covid-19 pandemic. Therefore, an initial historical synthesis of Pentecostalism in Brazil is necessary, a theoretical exposition on Pentecostal religious fervor and the existential implications in relation to Pentecostal temples and their influence on individuals through symbols, cult liturgy and rituals present in a Pentecostal cult. The justification consists in describing the manifestation of Pentecostal religious fervor in the life of an individual that influences his presence in a temple, regardless of the prevailing circumstances. I hope to contribute to this research, a broad discussion of new alternatives and adaptations in relation to attending a temple, observing the lessons that the covid-19 pandemic has brought to society.

Keywords: *Pentecostalism. Fervor. Pandemic. Power.*



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A RAIZ HISTÓRICA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL.....	14
1.1 Sinopse histórica do pentecostalismo no Brasil	14
1.2 O crescimento expressivo das denominações pentecostais no Brasil.....	21
1.3 Cenário atual e a dinâmica da operacionalidade do pentecostalismo no Brasil	28
1.3.1 O cenário contemporâneo do pentecostalismo no Brasil.....	29
1.3.2 A dinâmica da operacionalidade do pentecostalismo e o fervor religioso pentecostal ...	31
2 O TEMPLO COMO ESPAÇO SAGRADO DE DEVOÇÃO E DO FERVOR RELIGIOSO PENTECOSTAL	35
2.1 O templo como fator determinante na vida religiosa das pessoas.....	35
2.1.1 O templo como fator condicionante na vida religiosa das pessoas	36
2.1.2 O templo com sua realidade simbólica e suas linhas arquitetônicas de influência	38
2.1.3 O templo como espaço geográfico de relação do humano com o sagrado.....	40
2.2 O templo como fator positivo e negativo na vida das pessoas	42
2.2.1 O templo em seus aspectos positivos	42
2.2.2 Aspectos negativos de um templo	46
2.3 A centralidade do templo como fator de motivação ao fervor religioso pentecostal	47
3 A DINÂMICA DA FREQUÊNCIA AO TEMPLO PENTECOSTAL E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DAS PESSOAS EM TEMPOS DE PANDEMIA	56
3.1 A influência do fervor religioso pentecostal em tempos pandêmicos	56
3.1.1 O poder simbólico da religião na produção do fervor religioso pentecostal	57
3.2 Características místicas do culto pentecostal e a manutenção do fervor religioso pentecostal para atrair pessoas ao templo.....	58
3.2.1 Principais elementos do culto pentecostal na produção do fervor religioso pentecostal.	61
3.2.1.1 A oralidade	62
3.2.1.2 A música.....	62
3.2.1.3 A oração.....	64
3.3 A frequência ao templo pentecostal como um antídoto psicológico em meio à pandemia do novo coronavírus no Brasil.....	65
3.3.1 Discurso pentecostal e fervor religioso no enfrentamento da Covid-19	66
3.3.2 A pandemia e o fervor religioso pentecostal	68

3.3.3 O fervor religioso e a quebra do paradigma da frequência aos templos pentecostais em tempos de pandemia	73
3.3.4 O legado da pandemia da Covid-19 ao fervor religioso pentecostal	76
CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS	79



INTRODUÇÃO

De acordo com a definição do dicionário Houaiss da língua portuguesa, o termo fervor significa a ação de ferver, grande calor, ardência, ou seja, substantivamente significa uma dedicação diligente cujo objetivo central é a satisfação de um desejo.¹ Em um horizonte de expectativas caracterizada em cada indivíduo, o fervor é o agente que deposita motivação, entusiasmo e convicções profundas em seus atos e comportamentos que o torna determinado em cumprir os seus propósitos. Nesta perspectiva, o fervor religioso é o combustível que move a devoção religiosa, é a centelha de fogo que provoca um grande incêndio e um grande ardor que predispõe o indivíduo a mandamentos, práticas místicas e atos religiosos, afetando sua leitura psicológica, ideológica e histórica da religião, criando expectativas e o direcionando ao ser a quem presta devoção. Trazendo as conceituações de fé do pensador dinamarquês Kierkegaard, o lugar da fé não é propriamente a cabeça, mas o coração onde a paixão habita. Desse modo, o fervor religioso possibilita a diversificação das fronteiras simbólicas e ratifica o compromisso do indivíduo em ajustar sua vida ao que considera de mais valioso. Nesse contexto, entendemos que o fervor religioso pentecostal é a resultante da hibridização da manifestação do fervor religioso na vida dos indivíduos, fomentado pela essência do movimento pentecostal, assinalado como um movimento de renovação carismática e de revelação. Essa verdade é traduzida através de um entusiasmo enfatizado pelo fenômeno religioso chamado glossolalia, a capacidade de falar em outras línguas. O termo glossolalia origina-se do grego *glossa* – língua – e *lalia* – falar –, entendida como uma manifestação resultante de uma forte experiência religiosa pessoal, também chamada de Batismo com o Espírito Santo. Segundo a doutrina pentecostal, essa experiência ocorre na vida daquelas pessoas que se submetem ao controle sobrenatural do Espírito Santo, e, como resultado místico, elas começam a falar em línguas desconhecidas e ininteligíveis ao conhecimento humano. De certa forma, o pentecostalismo é definido como um modelo peculiar de fervor religioso pentecostal contemporâneo.

A proposta desta pesquisa consiste em estabelecer uma análise do fervor religioso pentecostal e da frequência aos templos pentecostais no período, classificado como excepcional, da pandemia da Covid-19 no Brasil. Propõe-se fazer uma leitura pedagógica do fervor religioso pentecostal reinante, individual e coletivamente, em um culto pentecostal, que teria influenciado as pessoas a manterem a rotina de frequência aos templos pentecostais no

¹ HOUAISS, Antonio. Fervor. In: HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1332.

decorrer do período pandêmico. Isso, necessariamente, desestrutura a normalidade social, dando lugar a uma nova realidade e potencializa a dinâmica de um debate em relação a quais setores da sociedade estabeleceriam, no momento da pandemia da Covid-19, as novas regras que seriam impostas acerca dos protocolos de saúde, das ações sanitárias, do afastamento social, da quarentena e da regulamentação das atividades religiosas, visto que uma reunião religiosa congrega várias pessoas.

Em relação ao fervor religioso pentecostal, faz-se um recorte da gênese do pentecostalismo no mundo, incluindo o movimento pietista do século XVI e sua magnificência entre anos de 1650 a 1800, tendo como essência norteadora a valorização das experiências particulares das pessoas em relação à religião, à prática ortodoxa e ao exercício de sua fé em Deus.² Na realidade, esse movimento fomentou uma crítica ao luteranismo que se mostrava engessado pela institucionalização e pela politização da religião, que, indubitavelmente, facilitava o distanciamento e o desinteresse para com a santidade e com a dimensão particular, individual, específica e mística da religião. As reuniões pietistas tinham como centro a busca fervorosa de uma vida separada, dedicada e inclinada totalmente ao serviço do *cristianismo renovado*. Em consequência dessa formação pietista, o pentecostalismo tem sido subentendido como um movimento de muito fervor emocional externado pela ênfase no falar em línguas, na oração, no movimento corporal e nos cânticos em suas reuniões.

Explora-se, inicialmente, uma reflexão sobre as origens do pentecostalismo, em especial das igrejas Assembleias de Deus. Essa reflexão envolve o fervor religioso pentecostal que, em sua prática, transmite certeza, fé e confiança no afã de diluir as tensões provocadas na mente humana diante das incertezas e dos acontecimentos do cotidiano. Reforça-se o caráter místico e ritualista dos cultos pentecostais, no intuito de dar aos/às seus/suas frequentadores/as um sentimento de pertença, de segurança e de felicidade e um propósito de um viver melhor e uma esperança plausível em meio aos conflitos existenciais. Nas palavras de Willian James, “a pessoa humana procura insistentemente uma atuação que promova sua vida”³. Em outros termos, os problemas enfrentados no cotidiano de uma pessoa, de modo geral, geram pressões mentais que as levam à ansiedade, à tristeza e à depressão. Naturalmente, tais problemas são responsáveis por vetores motivadores de ações desequilibradas na mente das pessoas.

O desenvolvimento desta pesquisa intenta realizar uma leitura apreciativa, crítica e detalhada das concepções apresentadas nas diversas e complexas manifestações do fervor

² Trata-se da divindade cristã. Por isso, o termo Deus será grafado em maiúsculo no decorrer desta pesquisa.

³ JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. p. 57.

pentecostal no Brasil. Por exemplo, a metáfora do/a cristão/ã como vaso e o Espírito Santo como azeite, que, no vocabulário pentecostal, seria uma espécie de derramamento desse azeite – Espírito Santo – sobre os vasos – os/as cristãos/ãs. Com efeito, esses/as cristãos/ãs se tornariam mais fervorosos. Gilbert Durand argumenta que o mito é um esboço de racionalização, ou seja, um dado que utiliza o fio do discurso no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias.⁴ No âmbito desta pesquisa, compreende-se que o desdobramento desse fervor religioso pentecostal é manifestado na frequência aos templos pentecostais durante a pandemia do novo coronavírus.

Em razão disso, abre-se espaço para identificar, em potencial, os aspectos influenciadores do pentecostalismo na vida das pessoas. Dessa posição, tem-se como questão principal salientar e interpretar as manifestações emocionais durante o momento das celebrações, dos cânticos e das pregações efetuadas nos cultos em um templo pentecostal.

Centraliza-se a atenção em um desenho metodológico para oportunizar uma maior absorção dos elementos que podem identificar as diversas complexidades do fervor religioso pentecostal, manifestadas em um templo pentecostal, através do entusiasmo frenético característico desse movimento. Nessa perspectiva, explora-se, qualitativamente, não somente a igreja Assembleia de Deus em suas reuniões de cura, libertação, cânticos e palavra, mas, também, as pessoas, em particular, como aquelas que experimentam e sistematizam a fé, tornando-se, ao mesmo tempo, objeto e sujeito na relação com o místico e com o desconhecido.

Para fundamentar a pesquisa, optou-se pela metodologia da pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas com alguns pastores. Entende-se que essa conduta de observação e de análise científica da pesquisa certamente suscitará numa gama de informações válidas, através da análise bibliográfica de vários autores e autoras que se debruçam sobre o movimento pentecostal, dando aprimoramento, atualização e uma compreensão mais elástica em relação ao tema proposto. Em suma, qualquer trabalho científico se inicia com uma pesquisa bibliográfica, o que permite ao pesquisador e à pesquisadora conhecer o que já se estudou sobre o assunto.⁵

Nesse caminho de estruturação da pesquisa, espera-se criar uma plataforma de apoio, de informação e de experiências vivenciadas pelas pessoas que, através de suas práticas pentecostais, aprenderam a administrar suas expectativas no afã de uma vida mental equilibrada. Os seres humanos precisam viver a realidade, e a realidade não se discute, vive-se. A pandemia da Covid-19 trouxe ensinamentos e mudanças valiosas para a sociedade em relação ao essencial para a existência humana.

⁴ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 28.

⁵ FONSECA, João José S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. p. 32.

Espera-se tirar proveito pessoal e, ao mesmo tempo, enfocar um recorte de entendimento de modo que o fervor religioso pentecostal, experimentado pelas denominações pentecostais nos últimos cem anos de Cristianismo, seja repensado e entendido como alternativa e adequações que podem ser bem-vindas, em termos de experiência religiosa. Em vista disso, pretende-se demonstrar através de uma pesquisa restrita a três ministérios diferentes, da igreja assembleia de Deus, em três cidades do Estado do Rio de Janeiro, que as lideranças evangélicas pentecostais, em caráter de urgência, precisam reavaliar suas doutrinas, suas práticas de cultos, abrindo espaço para novos padrões culturais.

Para tanto, a pesquisa está estruturada em três capítulos, que permitem uma melhor adequação das informações obtidas para torná-las compreensíveis, formulando diversas amarrações possíveis, no intuito de permitir interações com o objeto observado, de modo que a pesquisa se torne indulgente. A problemática e a hipótese da pesquisa estabelecerão uma linha consistente em relação à prática do fervor religioso pentecostal e suas repercussões contraditórias, emocionalistas e sensacionalistas na vida das pessoas e da comunidade pentecostal.

O primeiro capítulo procura, através das raízes históricas do movimento pentecostal no Brasil, fazer uma abordagem sintética da história e da geografia do movimento pentecostal em nas brasileiras. Por isso, são pontuadas as raízes do pentecostalismo no Brasil, sua composição híbrida do presente com elementos do passado, que, através dos vários processos e formas mistas conjugadas com a cultura e a religião herdadas mediante as várias ações colonizadoras e exploradoras, foram se adaptando e formando a realidade pentecostal brasileira. Recorre-se a uma investigação das três ondas do movimento pentecostal no Brasil, à luz do pensamento de Paul Freston, como vertentes preponderantes e significativas do movimento pentecostal em seus pressupostos antropológicos e sociais da doutrina pentecostal, na formação do fervor religioso pentecostal na vida dos/as seus/suas frequentadores/as.

No segundo capítulo, analisa-se o significado físico e religioso do templo em conjugação com o interesse e com a motivação demonstradas pelas pessoas em relação à importância de sua existência. O templo emerge como lugar sagrado, levando em conta sua implicação na vida das pessoas. Justifica-se a formulação do problema na tentativa de identificar o tipo de visão sobre o ser humano que o movimento pentecostal desenhou em sua doutrina e prática. Ou seja, na pavimentação de uma estrada mística, psicológica e prática do fervor religioso pentecostal, em motivar as pessoas em relação aos templos pentecostais, tornando esses espaços considerados sagrados como um antídoto psicológico para amenizar o sofrimento humano. Nesse sentido, o templo é apresentado como um *locus* de satisfação e de

sentimento de pertença, capaz de motivar sua membresia a filtrar as informações externas, solidificando o exercício da fé, imprimindo a confiança e a coragem na vida das pessoas, independentemente dos acontecimentos. Essa rigidez se choca com o cenário da pandemia da Covid-19.

O terceiro capítulo analisa a dinâmica da frequência ao templo pentecostal e sua influência na vida das pessoas nos tempos pandêmicos. Lança-se mão das entrevistas com os pastores assembleianos em relação a suas ações durante a pandemia da Covid-19. Será feita uma breve análise da pandemia do covid-19, e o capítulo encerra com uma abordagem sobre o legado e os ensinamentos que a pandemia deixou para a sociedade, e, de certo modo, sua interfase, em compartilhar uma atmosfera de mudança e de adequação. Depreende-se que, nos tempos de pandemia, a realidade da religião em promover o bem-estar das pessoas, não pode ser exercida negligenciando a realidade científica, pois isso colocaria em risco a vida das pessoas. A proposta da pesquisa é mostrar que a pandemia da Covid-19 abriu espaço para novas propostas, condutas e novos paradigmas religiosos na manifestação do fervor religioso pentecostal no Brasil.



PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

1 A RAIZ HISTÓRICA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL

Este primeiro capítulo analisa as raízes históricas do pentecostalismo nas terras brasileiras. Para tanto, subdivide-se em três seções, as quais se inclinam respectivamente para uma análise da história do movimento pentecostal no Brasil, a partir do século XX; o crescimento expressivo das denominações pentecostais no país; e o cenário contemporâneo e a dinâmica da operacionalidade do pentecostalismo no território brasileiro. Na esteira desse debate, empreende-se uma análise sobre o fervor religioso pentecostal como elemento indissociável da experiência pentecostal ao longo da história desse movimento.

1.1 Sinopse histórica do pentecostalismo no Brasil

A proposta inicial da pesquisa consiste em expor, de modo sucinto, a genealogia do pentecostalismo no Brasil. Pretende-se formular um recorte dos pressupostos históricos. A abordagem se concentra especificamente nos caminhos que o movimento pentecostal trilhou no território brasileiro. Entretanto, como fonte histórica, o movimento pentecostal brasileiro resulta do reavivamento acontecido nos Estados Unidos da América (EUA), no final do século XX. A partir dessa época, o pentecostalismo se mostra cada vez mais presente e crescente em vários países do continente africano, leste e sudoeste da Ásia, sul do Pacífico e, de modo específico, nos países da América Latina, em especial no Brasil, com cerca de trinta milhões de evangélicos/as.⁶

Nesse entendimento, pode-se certificar e debruçar sobre a análise dos acontecimentos culturais, sociológicos e políticos que facilitaram a construção de uma pista de aterrissagem que provocou o alargamento dessa tendência religiosa em todo território nacional. Bernardo Campos considera que a reflexão sobre o pentecostalismo é útil, porque é uma instância religiosa em constante mutação numa sociedade em constante mutação, ou seja, porque é uma religiosidade com poder de construção de identidades populares no corpo dessa mesma sociedade.⁷

De forma genérica, pode-se considerar que o movimento pentecostal no Brasil teve como terra fértil para sua germinação, crescimento e frutificação a realidade cultural brasileira, que serviu como catalizador para o movimento pentecostal. Emílio Willems assevera que uma

⁶ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 17.

⁷ CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 34.

das primeiras necessidades que a cultura deve satisfazer é fazer com que o ser humano domine as forças da natureza.⁸ Para o autor, a cultura é linguagem, é comunicação.⁹ Ricardo Mariano afirma que o pentecostalismo é um movimento religioso matizado, complexo e sem uma estética litúrgica e doutrinária definida, que, muitas vezes, atende mais às demandas locais do que às institucionais.¹⁰

Dito de passagem, esse dialogismo da cultura com o pentecostalismo se adapta perfeitamente ao mosaico cultural do Brasil, que é constituído de uma mistura de cultos e religiões diferentes, dando um novo sentido aos seus elementos. Na prática, abre-se para a formulação de novas composições religiosas, produzindo mudanças significativas e radicais no campo religioso brasileiro. Essa amorfia característica do campo religioso brasileiro cria facilidades para um crescimento exponencial do pentecostalismo. Além disso, o Brasil se constituiu historicamente num nascedouro de pluralidade religiosa e sincretista, que pode ser observado desde a colonização portuguesa no século XVI.¹¹

O catolicismo europeu trazido pelos portugueses era, em sua prática medieval, um catolicismo cheio de heresias, ritos, paganismos, imagens e credíes. No Brasil, uma das características mais marcantes foi a reverência aos santos que, de um modo genérico, outorgou elementos de raízes de nossa cultura popular. Em razão disso, a sensibilidade e o sentimento religioso brasileiro estão intrinsecamente ligadas às raízes indígenas, à presença dos portugueses em terra brasileira e à chegada dos negros africanos, que ocorreu por intermédio do financiamento dos senhores de engenho para o trabalho escravo. Em consequência, surge no Brasil um catolicismo alegre, dinâmico, vibrante e festeiro. Essa miscigenação de culturas, de credos e de religiosidade formaram o campo religioso brasileiro. Para Laura Souza, o campo religioso brasileiro foi berço de um catolicismo multifacetário que acolheu todas as demandas da cultura brasileira, no sentido de considerar a população indígena, os portugueses, os europeus colonizadores e os negros vindos da África, promovendo um acolhimento dessas classes sem discriminá-las.¹² Nas palavras da autora: “um catolicismo colonial aberto a todos e que satisfaz a necessidade de todos”¹³.

Desse jeito, é indispensável caracterizar o cenário em que o movimento pentecostal encontra no Brasil para semear em um terreno fértil seus dogmas, suas liturgias e práticas

⁸ WILLEMS, Emílio. *Antropologia social*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962. p. 13.

⁹ WILLEMS, 1962, p. 13.

¹⁰ MARIANO, 2005, p. 18.

¹¹ MARIANO, 2005, p. 18-20.

¹² SOUZA, Laura M. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1986. p. 42.

¹³ SOUZA, 1986, p. 51.

sincréticas, atendendo, assim, as demandas existenciais da população brasileira. Antônio Mendonça atribui ao indígena, ao negro e ao libero latino os três vetores culturais da formação da cultura brasileira. Para ele, no que concerne à formação da chamada religião popular, folclórica e festiva, produz-se um mundo fictício, irreal e fantástico, cujo atores principais são anjos, os demônios e os espíritos bons e maus. Em outras palavras, trata-se de uma postura dualista extraída da doutrina maniqueísta.¹⁴ Ricardo Mariano atribui ao pentecostalismo uma fundamentação no subjetivo, no místico, no emocionalismo e no sensacionalismo. Ou seja, um posicionamento totalmente contraditório pelo catolicismo tradicional e aos demais segmentos protestantes evangélicos, tidos pelo mundo pentecostal, de tradicionalistas e de formalistas.¹⁵

É de bom alvitre ressaltar a classificação do conceito de *ondas* dada pelo sociólogo Paul Freston.¹⁶ Ele resume o fenômeno do pentecostalismo em três ondas de estabelecimento de igrejas. Na ótica do autor, esse desdobramento em três ondas se mostra congruente em sua estruturação no decorrer de seu desenvolvimento e evolução no campo religioso brasileiro. Logicamente, essa classificação abre uma janela de compreensão e baliza os referenciais característicos intrínsecos, que vão se delimitando na difusão do movimento pentecostal no Brasil.¹⁷

Paul Freston explica que a primeira onda ocorre justamente com a chegada dos imigrantes que vieram da América do Norte para o Brasil, durante o período conhecido como o *Avivamento da Rua Azusa*, na década de 1910. Para o autor, essa primeira onda é formada no período de 1910 a 1950. Ela inicia com duas veias de formação: a primeira veia foi a Congregação Cristã, em 1910, e a Igreja Assembleia de Deus, em 1911. Todavia, segundo Gedeon de Alencar, as igrejas Assembleias de Deus, pelo tempo e espaço que ocupam, são responsáveis pela consolidação do movimento pentecostal no Brasil.¹⁸ Gedeon de Alencar também lembra que o pentecostalismo importado pelo Brasil é um movimento heterogêneo, com elementos europeus e americanos, semeado em terras brasileiras e adubado pelo fertilizante da cultura nacional, germinando e produzindo frutos em abundância.¹⁹ Essa veracidade facilita o estabelecimento de raízes profundas e a construção de um

¹⁴ MENDONÇA, Antônio G. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UESP, 2008. p. 65-66.

¹⁵ MARIANO, 2005, p. 21.

¹⁶ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 64-112.

¹⁷ FRESTON, 1996, p. 68.

¹⁸ ALENCAR, Gedeon F. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2019. p. 33.

¹⁹ ALENCAR, 2019, p. 33-34.

pentecostalismo único e próprio no Brasil, cuja característica principal é o fervor religioso em sua manifestação individual e coletiva.²⁰

Nesta conjuntura histórica e doutrinária, Paul Freston classifica também a primeira onda como pentecostalismo clássico ou pentecostalismo original. Isso devido ao fato de ser a gênese do movimento no Brasil e existir algumas perquisições específicas, representada por uma relação de atitude de fé e de fidelidade aos preceitos divinos norteadores de uma conduta moral e conservadora. Esse pentecostalismo clássico, na verdade, é um retorno aos modelos antigos esboçados no livro de Atos dos Apóstolos. Melhor dizendo, é um retorno aos princípios bíblicos elementares da fé cristã, abandonados pelo Cristianismo institucionalizado pela secularização. Dessa forma, os pilares cardiais do pentecostalismo clássico são, na verdade, o oxigênio para o fervor religioso pentecostal, porque, em sua essência, enfatiza os milagres, a espontaneidade litúrgica, o falar em línguas estranhas, os cânticos e a oralidade.²¹

Paul Freston relata um período de 40 anos em que a primeira onda do movimento pentecostal se espalhou pelo imenso território brasileiro. Entretanto, a história do campo religioso brasileiro vem sendo pontuada por aspectos de uma diversidade religiosa, de rupturas do tradicionalismo e uma pluralidade de credos e segmentos religiosos. Na realidade, não é possível precisar o número de novas denominações evangélicas, de credos religiosos e de novas vertentes dentro do catolicismo. Com efeito, esse perfil do campo religioso brasileiro serviu de comburente e oxigênio para as *chamas* do fervor pentecostal arderem em todo o território nacional, sem encontrar *bombeiros* que as apagassem. Para Ricardo Mariano, “o pentecostalismo é um movimento religioso muito diversificado internamente, marcado por grande pluralidade teológica, litúrgica, estética organizacional (modelos de governo eclesiástico distintos) e comportamental”²². Nesse sentido, são delimitadas as fronteiras da primeira onda em relação ao surgimento da segunda onda pentecostal no Brasil.

Paul Freston localiza a segunda onda pentecostal no Brasil no período de 1950 a 1970, dando a ela dois nomes clássicos: pentecostalismo neoclássico ou deuteropentecostal.²³ Esse período é caracterizado por algumas peculiaridades e evidência de elementos preponderantes na caminhada do movimento pentecostal brasileiro, que, de modo consequente, provoca sua fragmentação, o surgimento de ícones pessoais, de estratégias diversificadas na evangelização, meios materiais de divulgação e o estabelecimento de novas denominações que vão dar cursos

²⁰ ALENCAR, 2019, p. 33-34.

²¹ FRESTON, 1996, p. 70.

²² MARIANO, 2005, p. 28.

²³ MARIANO, 2005, p. 23.

diferentes ao movimento pentecostal no Brasil. Nesse contexto, Gedeon de Alencar reforça essa visão fragmentária do movimento pentecostal no Brasil.²⁴ Para Bernardo Campos, é possível classificar esse movimento sempre em forma plural, porque não existe singularidade em nenhuma de suas manifestações.²⁵ Martin Dreher reforça que a questão doutrinária do movimento, de fato, não existe uma singularidade teológica, e sim uma doutrina complexa, multiforme e heterogênea, satisfazendo cada denominação ou segmento religioso.²⁶

De modo análogo aos aspectos da primeira onda, a segunda mantém o enfoque de falar em línguas, todavia, destaca com maior veemência a cura divina e a profecia, conforme explica Paul Freston.²⁷ O marco inicial da segunda onda pentecostal ocorre com a chegada de dois missionários da *Internacional Church of The Foursquare Gospel*, Harold Willians e Raymond Boatright, no Brasil, que se desligaram de suas igrejas no exterior e fundaram suas próprias organizações religiosas no Brasil.²⁸ Nesse período, foi fundada a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ).

Essa atitude deflagra as primeiras rupturas no movimento pentecostal no Brasil. De forma literal, essa foi a diferença preponderante entre a primeira e a segunda onda, a saber: a pulverização do movimento pentecostal, abrindo portas para criação de outras denominações evangélicas pentecostais no Brasil. Como exemplo disso, tem-se, concomitantemente a implementação da Igreja Brasil para Cristo, em 1955, a igreja Deus é Amor, em 1962, na cidade de São Paulo, e a Casa da Benção, em 1964.

Baseado na asserção da conversão em massa, uma estratégia que provocou um grande avivamento no Brasil foi implementada no movimento pentecostal, objetivando uma melhor performance, visibilidade e aceitabilidade. Essa postura mudou todo o panorama do campo religioso brasileiro, na verdade, a segunda onda pentecostal no Brasil teve como cerne principal o uso midiático e excêntrico para a divulgação em massa do movimento pentecostal. Dessa maneira, o movimento começou a usar o rádio, montar tendas em lugares estratégicos, alugar cinemas, teatros e estádios e, paralelamente, realizaram as grandes cruzadas evangélicas interdenominacionais, com a proposta de unir o “povo evangélico pentecostal, em um só objetivo”²⁹.

²⁴ ALENCAR, 2019, p. 21.

²⁵ CAMPOS, 2002, p. 37.

²⁶ DREHER, Martin N. *Imigrações e história da igreja no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Santuário, 1999. p. 131.

²⁷ FRESTON, 1996, p. 85.

²⁸ FRESTON, 1996, p. 71.

²⁹ FRESTON, 1996, p. 76.

Como pioneiro nesse novo modelo de pregação, o pastor Manoel de Mello fundou, em 1956, o programa radiofônico intitulado *A voz do Brasil para Cristo*. Manoel de Mello foi um assembleiano que, mais tarde, foi ordenado a pastor pela IEQ, nos EUA. Esse pastor, numa época em que a política entre os pentecostais era considerada uma *coisa do inferno*, foi o precursor dos líderes pentecostais que se envolveram na política. Guilherme Damasceno assevera que a palavra-chave nessa época era *avivamento*, chamada de fervor pentecostal na vida das pessoas.

As diversas vertentes pentecostais que surgiram foram resultantes de muitas fragmentações da igreja Assembleia de Deus. Além disso, essa igreja, desde sua saída da igreja Batista, em 1911, é a que mais se fragmentou durante o pentecostalismo no Brasil, tornando-se, assim, a matriz do movimento pentecostal brasileiro.³⁰ Nesse prisma, Paul Freston certifica que, nos anos 1950 do século XX, o pentecostalismo cresceu assustadoramente, mas, de maneira fragmentada. Dessa forma, tem-se um mosaico das igrejas Assembleia de Deus no Brasil e, mediante esse perfil e estruturação, Gedeon de Alencar afirma que a igreja Assembleia de Deus, em sua implementação, formação e trajetória, absorve por osmose toda cultura, tradição e peculiaridade do povo brasileiro, que a torna, em sua estrutura e *modus vivendi*, um movimento religioso intrinsecamente brasileiro.³¹ Nas palavras do autor:

No Brasil nunca existiu uma Assembleia de Deus (ADs), mas Assembleias, no plural. Muito mais que Ministérios distintos, Convenções concorrentes, igrejas divergentes, estilos diversificados à natureza existencial das identidades assembleianas brasileiras, as ADs se consolidam de forma plural.³²

Para concluir a sinopse histórica do pentecostalismo no Brasil, destaca-se, a partir da metade de 1970, a terceira onda do movimento neopentecostal. A nomeação de terceira onda também foi registrada por Peter Wagner, em 1983, fazendo referência ao mover do Espírito Santo através de milagres e de curas. Essa conduta impulsionou o surgimento do movimento *Vineyard*, que, em sua estruturação, reuniam-se em ginásios e lares. Seus/suas seguidores/as deram origem a outros movimentos e igrejas pentecostais, porém, sempre se valendo da pregação do chamado evangelho do poder de Deus – *God Power Evangelism*. A ênfase desse movimento estava no falar em línguas estranhas e algumas manifestações bizarras, tais como: dançar no Espírito, Espírito do riso, recebimento de dente de ouro e a chamada *fanerose*, do grego *phanerós* – visível. Em outras palavras, a presença visível do recebimento do poder de

³⁰ FRESTON, 1996, p. 71.

³¹ ALENCAR, 2019, p. 32.

³² ALENCAR, 2019, p. 89.

Deus, em que as pessoas perdem os sentidos, a consciência e caem desacordadas. Como se vê, historicamente, o fervor religioso pentecostal está presente em todas as ondas do movimento pentecostal brasileiro.

Essa terceira onda é pontuada como um novo surto de crescimento dos anos de 1980 do pentecostalismo³³ O motivo está ligado à forte presença do fenômeno chamado de *globalização*, que serve de catalizador do movimento neopentecostal. As igrejas protagonistas da terceira onda foram a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada pelo Bispo Macedo, em 1977, que era um jovem católico convertido na Igreja Pentecostal Nova Vida, em Bonsucesso, no Rio de Janeiro. Hoje, ele é pastor de uma das maiores igrejas pentecostais do Brasil e dono de uma das maiores emissoras de televisão, além de ser um empresário que investe pesado em *marketing* e na implantação de novas igrejas no Brasil e em outras nações. Outro exemplo da força pentecostal da terceira onda é a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), liderada por R.R. Soares. A igreja usa a *teologia da prosperidade*, a pregação da cura divina, no chamado momento do *show da fé*, e a confissão positiva. Com isso, há o empenho de transmitir uma mensagem de autoestima, sensacionalista e de base emocional, com a intenção de oferecer a sua clientela um produto que produz firmeza, encorajamento e esperança, em meio às falhas, às crises e aos lapsos da sociedade moderna globalizada.

Essas duas Igrejas representam uma das maiores vertentes pentecostais do Brasil e do mundo. Elas possuem uma sofisticada estrutura eclesiástica, uma organização administrativa moderna, uma presença forte e significativa nos meios midiáticos e uma influência marcante em todos os setores da sociedade brasileira, absorvendo uma gama significativa da população, participando fervorosamente das atividades realizadas pela igreja em seus templos. Não obstante, certifica Ricardo Mariano, o pentecostalismo brasileiro, mesmo com sua trajetória e arranjo cronológico, possui uma peculiaridade significativa e relevante em relação a sua essência e existência, pois, “o núcleo doutrinário permanece inalterado em qualquer das ramificações pentecostais”³⁴. Em suma, conclui-se essa seção histórica, observando que cada onda apresenta formas comportamentais diferentes em relação aos costumes, à ética, à liturgia, à administração eclesiástica e sua inserção na sociedade. Todavia, são uniformes na fé, no exercício espiritual, nas manifestações místicas e emocionais.

³³ FRESTON, 1996, p. 95.

³⁴ MARIANO, 2005, p. 31.

1.2 O crescimento expressivo das denominações pentecostais no Brasil

Com forte presença nas periferias e uma atuação marcante nos grandes centros metropolitanos, o pentecostalismo desenha uma nova moldura no campo religioso brasileiro, criando rupturas significativas no catolicismo romano e no protestantismo tradicional e histórico, que, por mais de um milênio de presença no território nacional, não foram suficientes para neutralizar ou mesmo frear o crescimento pentecostal. Esse fenômeno deu-se devido à religião tradicional estar amarrada em suas tradições, em sua miopia institucional e em sua liturgia tradicional. Em contrapartida, esse pentecostalismo impregnado de um ardente fervor contagiante em suas reuniões, de certo modo, não pode ser negligenciado, pois, vários fatores contribuíram de forma expressiva para o crescimento acelerado desse movimento. Dentre eles, pode-se mencionar a pluralidade desse movimento e a sua inserção nas camadas mais pobres da sociedade.

Alguns estudos despreziosos foram formulados nessa conjuntura, indicando um crescimento notável, já nos anos de 1950. Porém, precisamente, sua expansão em ritmo acelerado é observada a partir de 1980, ou seja, a partir da terceira onda pentecostal no Brasil, pontuada entre 1970-1980. André Corten diz o seguinte:

Para situar este terceiro tipo no seu contexto emocional, vamos partir dos testemunhos praticados em todos os tipos de igrejas pentecostais. Fora as preces as lamentações, o ‘falar em línguas’, os cantos etc., é preciso de fato mencionar os testemunhos. Segundo as Igrejas, um culto por semana dá a ocasião aos crentes de fazer um testemunho da sua conversão ou ainda da sua cura.³⁵

Nesse ambiente, como um incêndio incontrolável, as chamas do pentecostalismo começaram a arder em vários setores da sociedade e foram tidos como essenciais e estratégicos. Segundo José Bittencourt Filho, estima-se que, em média, a cada dia, pelo menos, uma denominação evangélica pentecostal é implantada no Brasil.³⁶ De forma lógica, esse acontecimento é resultante da pulverização que o movimento pentecostal sofre em terras brasileiras. José Bittencourt Filho chama esse fenômeno de “pentecostalismo autônomo”. Para ele, é autônomo porque difere do pentecostalismo clássico e original, que foi importado da América em terras brasileiras e que sofre várias mutações, dando luz a uma nova vertente do movimento pentecostal.³⁷ Evidentemente, essa nova forma de pentecostalismo produz uma

³⁵ CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 74.

³⁶ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Vitória: Unida, 2019. p. 15.

³⁷ BITTENCOURT FILHO, 2019, p. 19.

similaridade com os ideais de massa, um paralelismo com a sociedade de consumo, coadunando-se à opinião pública pela mídia eletrônica na mente das pessoas.

Em conformidade com essa realidade, a produção e as ofertas feitas pelas novas igrejas pentecostais usam, de modo genérico, três ingredientes da essência doutrinária do movimento pentecostal: a cura, a prosperidade e o exorcismo. Esses ingredientes são misturados, formando a massa do bolo e são levedados pelo fermento do emocionalismo para a produção do bolo da operacionalidade do movimento, que é caracterizado pelo fervor religioso pentecostal, dando sempre um dinamismo e uma vitalidade ao pentecostalismo brasileiro. O Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa que havia 3,9 milhões de pentecostais no Brasil, em 1980, 8,8 milhões, em 1991, e 17,7 milhões, em 2000.³⁸

Na atualidade, o Brasil é o maior país pentecostal do mundo. Esse fato é verificável em todas as cidades do território nacional. Não existe uma cidade brasileira, nos seus 5.568 municípios, que não haja pelo menos um grupo de pentecostais que se reúnam periodicamente em algum lugar. Leva-se em consideração os católicos carismáticos e os chamados pentecostalismos clássicos. Esse fato também é dimensionado entre os indígenas. De acordo com o Censo 2010, existem 305 etnias oficiais e 896.917 pessoas que se declaram como indígenas no Brasil. De maneira impressionante, o pentecostalismo também chegou em terras indígenas.

A presente pesquisa pretende pontuar alguns vetores preponderantes relacionados ao crescimento do pentecostalismo, em caráter sobrenatural, no Brasil, e em consonância com o fervor religioso presente em todas as suas reuniões. De modo efetivo, de acordo com Antônio Mendonça, Guilherme Damasceno, Emílio Willems, Gedeon de Alencar e outros teóricos do crescimento pentecostal, coerentemente, afirma-se a existência de razões genéricas que ratificam e explicam esse crescimento. Entretanto, tais condições viabilizaram seu crescimento em relação a sua receptividade no coração fértil do país e ao movimento fomentado pelo fervor religioso pentecostal, como será explicado a seguir.

Em primeiro lugar, tem-se a pluralidade do campo religioso brasileiro, marcada, desde os primeiros colonizadores em terras brasileiras, em 1500, pela chegada dos negros africanos em 1539; dos holandeses, em 1630; e dos protestantes alemães e suíços, em 1817. O imenso território brasileiro, com sua diversidade cultural, geográfica e climática, de modo único e peculiar, serve de útero para gerar, nascer, crescer, propagar e multiplicar o maior e mais expressivo movimento da história do cristianismo em todos os séculos. O movimento

³⁸ MARIANO, 2005, p. 37.

pentecostal se serviu dessa complexidade cultural para sua reprodução e fortalecimento de suas bases doutrinárias, intensificando seu número de seguidores/as em todas as esferas da sociedade brasileira. O brasileiro, por sua natureza e cultura, gosta de movimento e de alegria. Com efeito, o fervor religioso pentecostal projeta justamente a realidade cultural brasileira.

Em segundo lugar, tem-se a heterogeneidade do movimento pentecostal que, de forma surpreendente, quebra o tradicionalismo protestante, trazendo um novo modelo de Cristianismo para o mundo e, principalmente, para os países latino-americanos e do continente africano. Por muitos anos, o protestantismo original e histórico, em sua pureza teológica e litúrgica, resiste às ameaças do sincretismo religioso. Todavia, em um espaço curto de tempo, com uma mensagem simples e de fácil assimilação em massa, surge o pentecostalismo com um perfil heterogêneo, abraçando, com simpatia, os elementos da igreja cristã tradicional, os subsídios do catolicismo romano e os ingredientes dos cultos afro-brasileiro, criando uma multiforme base operacional de suas atividades litúrgicas. Como afirma Ricardo Mendonça, o pentecostalismo criou seu próprio arcabouço sincrético, permissível e atrativo a todos/as.³⁹

Em terceiro lugar, tem-se o fenômeno da globalização e a estratégia de ação evangelizadora concentrada nas camadas mais pobres da população. Na verdade, as regiões em que se congregam as famílias mais carentes da sociedade, tornaram-se o propósito de evangelização dos pentecostais. E, inexoravelmente, o resultado disso foi um crescimento exponencial, considerável e rápido, principalmente entre as mulheres da terceira idade.

Em síntese, ainda em relação a esse terceiro aspecto, pretende-se recorrer, com muita propriedade e de modo muito peculiar, ao pensamento de Eduardo Melo e Antonio Benatte, que consideram o pentecostalismo como uma religião do povo, que é ratificado pela sua inserção nas camadas mais pobres da população, mesmo que seja possível encontrá-lo em algumas camadas mais elevadas da sociedade. Mas, de modo geral, sua plataforma operacional é a massa subserviente da sociedade, por isso, está presente nos subúrbios dos grandes centros urbanos.⁴⁰

Em contrapartida, houve uma assimilação do pentecostalismo no processo globalizante, que a sociedade foi submetida, sendo homologado por um processo acelerado de crescimento, urbanização desorganizada e a favelização da população rural, em seu êxodo rural nos grandes centros urbanos. Esse processo de globalização e a mundialização do capital foram catalizadores do fenômeno pentecostal no Brasil. Numa análise quantitativa, em termos de porcentagem de crescimento, conforme é observado por Eduardo Melo e Antonio Benatte, na

³⁹ MENDONÇA, 2008, p. 66.

⁴⁰ MELO, Eduardo R.; BENATTE, Antonio P. *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010. p. 91.

década de 1982, pode-se observar uma diferença significativa em relação à matriz pentecostal brasileira, em especial em relação às igrejas Assembleias de Deus e as outras três representantes do movimento pentecostal nessa época: Congregação Cristã no Brasil, igrejas pentecostais independentes e igrejas pentecostais ligadas às missões. Hoje, indubitavelmente, esse quadro é muito diferente. Segundo os dados oferecidos pela Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), existem 300.000 templos catalogados das igrejas Assembleias de Deus no Brasil, e um total de 20 milhões de membros e membras.

Em quarto lugar, tem-se a ênfase no emocional, no subjetivo e no místico, o que é representado pela teologia da cura. Nesse aspecto, traduz-se a excentricidade do movimento pentecostal resumido em emoção, ou seja, o elemento central da existência do crescimento pentecostal, que, na realidade, serve de ponte para uma proximidade mística de Deus. Paulo Romeiro afirma o seguinte: “por influência do movimento pietista, experiência e emoção se tornaram elementos vitais para a existência da fé pentecostal”⁴¹. O comportamento emotivo é manifestado através de atitudes de choro, de alegria, de bater de palmas, de danças, de gritos, de falar em línguas e, em algumas vezes, em ações de marchar como verdadeiros soldados de Cristo. Às vezes, em provocação às denominações tradicionais históricas protestantes, diz-se: você é sorveteriano ou pentecostal? Outro axioma é a justificação do crescimento das igrejas católicas. Sobre isso, os/as pentecostais dizem: “o cemitério cresce todos os dias, mas somente de pessoas mortas”⁴². Toda essa linguagem e conduta revelam o fervor e a dinâmica do pentecostalismo – uma igreja viva.

Nesse universo de coisas, tem-se a ênfase no místico, que é representada pela teologia da cura. A teologia da cura atribui a existência das enfermidades, das doenças e dos problemas mentais aos seres espirituais, comumente chamados de demônios, que precisam ser exorcizados para uma vida de libertação e cura. Na verdade, a maior parte dos líderes pentecostais reivindicam a capacidade especial de pôr suas mãos sobre a cabeça das pessoas, para ministrar a cura divina, bem como alegam possuir autoridade divina para expulsar os demônios. Em suma, como argumento justificável, esses líderes usam os textos do Novo Testamento para dar veracidade e validar sua conduta. Segundo Cecília Mariz, os pentecostais atribuem a origem de todo os efeitos maléficos ao diabo na vida dos seres humanos, assim como todos os efeitos benéficos aos seres humanos estão vinculados à ação de Jesus e do Espírito Santo.⁴³ Nesses

⁴¹ ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995. p. 29.

⁴² ROMEIRO, 1995, p. 29.

⁴³ MARIZ, Cecília. Reflexões sobre a reação afro-brasileira à guerra santa”. *Revista Debates do NER*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 95-102, 1997. p. 97.

termos, descarta-se a responsabilidade humana aos atos ruins e aos males, subtraindo a ação de outros seres espirituais, imputando ao diabo a autoria dos males na sociedade e na vida das pessoas.

Em quinto lugar, tem-se o vetor do crescimento, que é chamado de perfil dos líderes das igrejas pentecostais. Não se pode negligenciar, tratando-se do crescimento pentecostal, a necessidade de se debruçar sobre a figura carismática da liderança desse movimento. O fenômeno da liderança pentecostal surge como um contraponto meditativo no crescimento pentecostal no Brasil. Para Jean-Pierre Bastian, boa parte das igrejas pentecostais “tem dirigentes que são chefes, proprietários, caciques e caudilhos de um movimento religioso criado por eles mesmos e transmitido de pai para filho de acordo com o modelo patrimonial e/ou por nepotismo de reprodução”⁴⁴. Para Emílio Willems, caudilhismo, coronelismo e caciquismo são sinônimos que podem ser aplicados para o entendimento do mesmo problema.⁴⁵

Bernardo Campos entende que as lideranças pentecostais se engendram como celebridades da fé, ou seja, o resultado da performance de uma igreja pentecostal está diretamente atrelado à maneira como o líder se comporta diante da comunidade.⁴⁶ O pentecostalismo, desde seu início, teve a participação interveniente de homens e mulheres que influenciaram, através de seu perfil religioso e carismático, certo grupo de pessoas. Na ótica de Clara Mafra, essas pessoas se tornaram o ventre gestacional do movimento pentecostal.⁴⁷

Numa análise desses últimos cinquenta anos de pentecostalismo nas terras brasileiras, pode-se verificar nos bairros metropolitanos um grande número de composição religiosa pentecostal diferente, que cresce e se organiza, segundo o perfil, o carisma e o gerenciamento de seus líderes. De acordo com Max Weber, o carisma é uma característica pessoal e singular de uma pessoa, é um magnetismo, ou melhor, uma capacidade mágica de influenciar a conduta humana. Isso pode ocorrer em pessoas que estejam investidas em algum tipo de liderança, seja em âmbito religioso, político, secular ou militar. Em sentido religioso, para Max Weber, os adeptos podem vê-lo como pessoas enviadas especificamente por Deus.⁴⁸ Nas palavras de Gedeon de Alencar:

Alguns líderes pentecostais estão a cada dia mais pomposos, imperiais e inacessíveis. Infalíveis em suas pregações, revelações e decretos. Sabem tudo e decidem tudo

⁴⁴ BASTIAN, Jean-Pierre. *La mutacion religiosa de América Latina*. México: Fondo de Cultura econômico, 1997. p. 126.

⁴⁵ WILLEMS, 1962, p. 103.

⁴⁶ CAMPOS, 2002, p. 37.

⁴⁷ MAFRA, Clara. *Na posse da palavra*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2002. p. 62.

⁴⁸ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. p. 121.

inquestionavelmente por revelação. Pastor é um título comum que não lhes serve mais, daí surgiram os pastores-doutores, profetas, apóstolos ou patriarcas ou pai-apóstolos.⁴⁹

Não se pode medir as consequências benéficas ou maléficas que uma pessoa carismática pode provocar quando o carisma é utilizado para uma finalidade pessoal. Durante a pandemia da Covid-19, a maioria dos líderes pentecostais tiveram uma posição negacionista, reducionista e radical em relação à veracidade dos problemas causados pelo novo coronavírus. Em meio às desinformações, ao índice crescente de mortalidade, às taxas elevadas de desemprego e ao estabelecimento da quarentena, muitos líderes pentecostais espiritualizaram a situação.

Hoje, no meio pentecostal, vários líderes têm se destacado devido à força carismática de sua presença e suas pregações. Esse é um comportamento que, muitas vezes, nubla a realidade do caráter da pessoa em detrimento do carisma. Segundo Ari Pedro Oro, “eles são como nós, um vínculo entre empreendimento e presença nas mídias e redes sociais”⁵⁰. Simon Coleman dissecou o *modus operandi* dos líderes pentecostais carismáticos. Para ele, alguns existem alguns princípios necessários para um exercício plausível, a saber: o princípio da mobilidade e da narrativa.⁵¹ O princípio da mobilidade é a capacidade de ser um pregador que atrai multidões e que marca presença em um determinado lugar geográfico. O da narrativa é a transformação de suas vidas como exemplos de sucesso de conquista e nivelamento em relação aos heróis do passado. O princípio da narrativa representa uma leitura de vida do auditório, adquirindo *status* e posição privilegiada. Segundo Emílio Willems, o pentecostalismo resulta de cismas de certos grupos dissidentes das igrejas históricas, incluindo a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), consideradas autoritárias. Isso seria o resultado de uma rebelião por autonomia por parte das classes populares que lutam contra a opressão caudilha na esfera religiosa.⁵²

Essa ideia é percebida na prática em muitos seguimentos pentecostais resultantes de divisões, celeumas e atitudes de insubordinação a algum tipo de ato administrativo interno. Todas essas coisas são depositadas na conta do fervor religioso pentecostal, que, em algumas situações, assume um caráter fundamentalista.

Em sexto lugar, tem-se os fatores internos e externos, que demandaram um crescimento expressivo. Como fator externo, pode-se mencionar a secularização da igreja. Reconhece-se

⁴⁹ ALENCAR, Gedeon F. Pentecostalismo e ecumenismo: Deus e o diabo se (des) entendendo na terra do sol. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 220-239, 2014. p. 220-239.

⁵⁰ ORO, Ari P. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Revista Debater do NER*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 10-36, 1997. p. 15.

⁵¹ COLEMAN, Simon. The charismatic gift. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, [s.l.], n. 10, p. 421-442, 2004. p. 425.

⁵² WILLEMS, 1962, p. 114.

que se vive em um mundo em constante mudança. Trata-se de um mundo plural, em que as questões existenciais são direcionadas e subtendidas em diversas formas, ou seja, um mundo relativista, em que o absoluto perde seu viés, dando origem à pluralidade de entendimento e ao posicionamento pessoal, institucional e, enfim, ao religioso. Nesse sentido, aquilo que é objetivo dá lugar ao subjetivo e ao múltiplo. Esses fatores internos, a subjetividade, e os fatores externos, a multiplicidade de formas, dão lugar à diversidade de conteúdo, às interpretações e aos entendimentos. Surge, então, o movimento pentecostal que acomoda todas essas sistemáticas complexas de formas e de conteúdos, satisfazendo às demandas emocionais e espirituais da sociedade hodierna. João Décio Passos argumenta o seguinte:

O crescimento pentecostalismo nos centros urbanos, em suas variadas expressões e denominações têm provocado algumas explicações que rompem com o que chamaríamos ‘visão moderna da história’, seja sustentando uma explicação na linha da secularidade – que já estaria por vir ou já se efetivado no pluralismo religioso – ou o reencantamento que surge como negação e superação da modernidade desencantada trazendo de voltas os deuses’.⁵³

Em sétimo e último lugar, tem-se o vetor de crescimento, com destaque ao fenômeno midiático. O fenômeno midiático é de grande relevância para o movimento pentecostal no Brasil. Este vetor é de fundamental importância e responsável, quase que diretamente, pelo crescimento incontrolável do pentecostalismo brasileiro. Ari Pedro Oro considera o fenômeno da IURD como uma igreja midiática. Em outras palavras, essa igreja usa as redes radiofônicas e televisivas para implementar seu pacote.⁵⁴

Nesses termos, uma mensagem subliminar está em atuação, agindo diretamente no emocional em detrimento do racional nas pessoas. Através de pregadores/as eloquentes e bem treinados/as, com uma expressão firme, impactante e impecável, inserindo em suas pregações, um número incontável de crendices populares, as tornando ritualística, objetivando a persuasão dos telespectadores e sempre expondo seus produtos por osmose. Essa é uma estratégia de absorção gradativa do abstrato em logicismo do racional, no intento de impactar os/as ouvintes e aumentar o número de seguidores/as. Pode-se concluir parcialmente, que a igreja vai à casa das pessoas levar o que elas precisam: amor, felicidade, segurança e esperança. A motivação do fervor religioso pentecostal remonta à narrativa de Atos dos Apóstolos 5, 42, em que se lê:

⁵³ PASSOS, João D. Pentecostalismo e modernidade: conceitos sociológicos e religião popular metropolitana. *Revista Nures*, São Paulo, a. 2, n. 2, p. 1-14, 2006. p. 2.

⁵⁴ ORO, 1997, p. 16.

“todos os dias, no templo e de casa em casa, não deixavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo”⁵⁵.

1.3 Cenário atual e a dinâmica da operacionalidade do pentecostalismo no Brasil

Esta seção se concentra numa análise do cenário contemporâneo em relação ao movimento pentecostal e sua operacionalidade no Brasil. Por isso, é de grande valia ainda considerar a questão das três ondas sistematizadas por Paul Freston acerca do pentecostalismo e sua trajetória no país. Esse autor estabelece os limites de cada onda e, de modo expressivo, moldura proporcionalmente os aspectos característicos de cada uma delas para um melhor posicionamento e entendimento do conjunto de fatos e de adaptações que o movimento absorveu em sua progressão na pista de obstáculos de sua história no Brasil.⁵⁶

Para tanto, debruça-se sobre os eixos temáticos dessas duas premissas pentecostais: o cenário contemporâneo e a operacionalidade do pentecostalismo brasileiro. O pentecostalismo emerge como um movimento formado com total intensidade nos processos de urbanização, resultantes do fenômeno globalizante e, em termos sociais, como resposta e proposta de preenchimento dos hiatos sociais provocados pela má administração pública e discriminação do Estado à população marginal.

A exegese do fenômeno pentecostal no Brasil é hermeneuticamente demonstrada e entendida sob dois aspectos fundamentais e hegemônicos. O primeiro aspecto é o social, sob a égide do discurso de salvador da pátria brasileira, firmado no pressuposto de soluções imediatas e na possibilidade do resgate de uma situação inferior em relação ao desemprego, à pobreza generalizada e à ausência de uma proposta de mudança social. Isso é sustentado através dos líderes do movimento pentecostal. O segundo aspecto é a sua operacionalidade que o tornou, segundo Leonildo Campos, o movimento religioso mais importante do século XX.⁵⁷

⁵⁵ A pesquisa utiliza a seguinte tradução do texto bíblico: BÍBLIA de Estudo Pentecostal [Autor dos comentários e notas: Donald Stamps]. Trad. João Ferreira de Almeida. ARC (Almeida Revista e Corrigida). Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

⁵⁶ FRESTON, 1996, p. 23.

⁵⁷ CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 231.

1.3.1 O cenário contemporâneo do pentecostalismo no Brasil

O cenário contemporâneo do pentecostalismo no Brasil, de uma maneira pertinente, assume um viés político em suas posições tradicionais. Em outras palavras, ele apresenta um cenário totalmente novo em suas posições convencionais. Ricardo Mariano entende que a liberdade religiosa promulgada pelo Estado, e sentida a partir da segunda metade do século XX, viabilizou e dinamizou a pluralização da oferta e procura no campo religioso brasileiro.⁵⁸ Em certo sentido, a opção religiosa se torna algo individual e quase obrigatória. O Estado brasileiro, em sua imparcialidade sobre as questões religiosas, não contradita e nem favorece nenhum seguimento religioso. Nessa postura, o momento atual brasileiro vem sendo marcado por um processo específico na área política e jurídica de grandes proporções e repercussões no contexto nacional. Literalmente e naturalmente se cria uma polarização entre os diversos partidos políticos no Brasil.

O Brasil concentra o maior número de partidos políticos em atividade e expressividade no mundo. Isso é ratificado pela Universidade de Gotemburgo, na Suécia, haja vista que houve uma distorção significativa no que se refere à interpretação correta da posição de ser da direita e ser da esquerda. Diga-se de passagem, que a definição dessa dicotomia entre direita e esquerda não fora criada no Brasil. Em termos populares, para alguns, ela não passa de uma definição simplória, inócua e sem conteúdo. Para outros, trata-se apenas uma postura politizada de preferências. Porém, historicamente, esse vocábulo tem ascendência na Revolução Francesa, que designava os franceses moderados, também chamados de girondinos, que se assentavam à direita do presidente da Assembleia Nacional Constituinte, e os franceses radicais, também chamados jacobinos, que eram favoráveis à revolução e que se sentavam à esquerda do presidente da Assembleia.

Inequivocamente, essa polarização dos partidos políticos no Brasil, na verdade, não tem nada a ver com a preservação de identidades, ou melhor, com o conservadorismo de princípios éticos ou religiosos. Mas, indelevelmente, abre portas para uma espécie de corporativismo ativista. Nessa conjunção de coisas, o poder político dos partidos é polarizado em duas frentes únicas: os partidos de esquerda e os partidos de direita. Essa centralização do poder político no Brasil impulsiona o surgimento de novas maneiras de participação e aproximação do Poder Público, em busca de maior apoio e expressividade na sociedade brasileira, criando uma espécie nepotismo político social. Em síntese, esse momento político e jurídico, na sociedade brasileira,

⁵⁸ MARIANO, 2005, p. 36.

é traduzido por algumas mudanças significativas no que concerne à participação popular nas decisões políticas e jurídicas no Brasil. Em alguns casos, as decisões tomadas pelo Poder Executivo contrariam as decisões do Poder Judiciário. Esse fato, inexoravelmente, leva os dois poderes a se posicionarem em debates calorosos. Contudo, os resultados sempre trazem decisões benéficas e necessárias a cultura, educação e para a sociedade em geral.

Entretanto, há de se concordar que, em contrapartida, cria-se uma sociedade egocêntrica, arbitrária e nepotista. Esse discurso reflete consideravelmente no campo religioso brasileiro, redesenhando suas formas simétricas e possibilitando a construção de novas formas e, ao mesmo tempo, impondo ainda mais a complexidade de sua atuação. Por exemplo, a insurgência significativa do trânsito religioso no Brasil, resultante de três vetores principais: a facilidade de criação de novas vertentes religiosas no Brasil, principalmente, as pentecostais; a ampliação e divulgação midiática do mercado religioso; e a fomentação da teologia positivista atrelada à teologia da prosperidade, com uma declaração pessoal que determina sua transformação social, emocional e espiritual, através de um mover sobrenatural e místico na vida daquele e daquela que crê. Para Ricardo Mariano:

O pentecostalismo cresce muito no Brasil. Mas sua expansão acelera-se acentuadamente a partir da década de 1980, momento em que esse movimento religioso passa a conquistar igualmente crescente visibilidade pública, espaço na tevê e poder político partidário.⁵⁹

Outro forte vetor que mobilizou a atuação do pentecostalismo no cenário contemporâneo, foi a contemporização do que venha ser o sagrado e a condescendência dos usos e costumes de algumas igrejas pentecostais que, segundo o pentecostalismo clássico, a rigidez desses usos e costumes denotariam uma comunhão mais estreita com o sobrenatural e uma demonstração física de uma vida santa e separada do mundo secular.

Com essa postura contemporânea de algumas igrejas pentecostais, necessariamente, rompe-se com o modelo tradicional adotado pelo pentecostalismo clássico, criando-se um pentecostalismo *light*, leve e diferente, com uma ortodoxia fácil de ser seguida e compreendida. Essas alternativas populares ou credices incrementam muito ao fervor religioso pentecostal, mobilizando as pessoas a fazerem parte dessas campanhas no afã de receberem algo sobrenatural em suas vidas. A resposta do pastor interpelado foi a seguinte: “eu dou o que o povo gosta e precisa”⁶⁰.

⁵⁹ MARIANO, 2004, p. 11.

⁶⁰ Elaboração própria, dados inéditos, 2022.

Notoriamente, isso significa que o novo pentecostalismo está preocupado apenas em satisfazer as necessidades emocionais da população, produzindo um efeito imã para atrair as massas sofridas, desacreditadas, desesperadas e sem opção. Ou seja, pretende-se cobrir um interregno, um hiato que o poder público, que as igrejas institucionalizadas e tradicionais supostamente não conseguiram resolver e nem equacionar. Segundo uma pesquisa feita pela fundação americana *Pew Fórum*, 63% dos/as fiéis pentecostais no Brasil não nasceram em uma igreja pentecostal. Nesse sentido, eles/as são produtos do trânsito religioso e, em sua maioria, vieram da ICAR, resultantes da politização do pentecostalismo no Brasil.

Nesta análise do movimento pentecostal brasileiro à luz do cenário contemporâneo, observa-se um crescimento extraordinário e acelerado dos católicos carismáticos no Brasil, ao lado da constatação da participação de evangélicos/as pentecostais nas decisões políticas e, com muita veemência, discorrendo sobre temas relevantes a sociedade brasileira, tais como: cultura, movimento LGBT, aborto, questão de gênero, corrupção e outros temas da atualidade. Essa participação atuante e visível em assuntos públicos, naturalmente, dá visibilidade, autoridade, credibilidade e transforma o movimento pentecostal em uma religião popular. Isso abre portas para o engajamento político de seus autores, facilitando sua presença em partidos políticos. Muda-se, consideravelmente, o campo político partidário do Brasil. Com esse comportamento, a inserção dos evangélicos pentecostais com expressividades e presença significativa nos redutos políticos, observa-se o arrefecimento dos demais seguimentos cristãos evangélicos no Brasil, de modo que os pentecostais vão assumindo, gradativamente, a predominância dos valores cristãos na sociedade brasileira contemporânea.

1.3.2 A dinâmica da operacionalidade do pentecostalismo e o fervor religioso pentecostal

Agora, parte-se para o recorte da abordagem e para uma releitura da operacionalidade do pentecostalismo no Brasil. Para compreender esse fenômeno, faz-se necessário entender os desdobramentos históricos do movimento pentecostal brasileiro. Segundo Emílio Willems, uma organização religiosa é assimilada por um agrupamento de informações e situações experimentais, não necessariamente verosímeis, mas, que devem impressionar e sensibilizar as pessoas e, de certo modo, levá-las a uma reflexão, ação e reação espontânea, voluntária e emocional.⁶¹ Esse foi o sucesso da expansão sobrenatural do pentecostalismo no Brasil, que está presente em todas as três ondas observadas por Paul Freston.⁶²

⁶¹ WILLEMS, 1962, p. 117.

⁶² FRESTON, 1996, p. 83.

O pentecostalismo brasileiro se mostra totalmente diferente de todo o resto do mundo. Em sua operacionalidade, ele tem algo em comum em todas as ondas, isto é, a capacidade do dialogismo com a cultura reinante e com o momento vivenciado. Por exemplo, uma onda, de modo geral e de forma leiga, possui três estágios: sua formação pela ação dos ventos; sua propagação, movendo-se em várias direções; e, por fim, seu derramar ou quebra na praia.

Diante dessa analogia, é possível usar a terminologia de Leonildo Siqueira, que classifica o pentecostalismo como um desenvolvimento evolutivo de diversos movimentos que, de forma perceptível, influenciaram e se tornaram raízes das matrizes pentecostais.⁶³ A ação desses ventos fora responsável pela formação das bases, no decorrer do tempo, ou seja, formaram as primeiras ondas do movimento pentecostal da atualidade. Nessa perspectiva, pode-se sublinhar três grandes *ventos* formadores das ondas pentecostais da atualidade.

O primeiro vento pode ser caracterizado como a inspiração recebida no avivamento do século XVIII, com John Wesley e suas meditações e ensinamentos. John Wesley era um jovem universitário que, através de uma metodologia de estudo, oração e encorajamento, deu início ao seguimento evangélico chamado metodista. Esse movimento formava grupos pequenos chamados de sociedade de avivamento. O vento de influência foi o movimento pietista, entre 1653 e 1705. Esse fenômeno foi fomentado pelo pastor luterano Jakob Spener, que pregava o retorno do Cristianismo prático e da experiência pessoal em oposição à ortodoxia luterana fria e sem expressividade. Nas palavras de Gedeon de Alencar:

Nunca existiu um pentecostalismo no singular, mas pentecostalismo no plural, desde suas origens americanas e, também, e bem mais anteriores – dos movimentos de santidade e pietismos europeus. O Movimento da Rua Azusa, Em Los Angeles, se tornou a grande referência no século XX, mas não foi o único. Muito pouco deste pentecostalismo black chegou até nós.⁶⁴

Com a publicação da obra *Desejos piedosos*, originou-se o vocábulo pietista, que deu nome ao movimento expressivo pietismo. Em suma, pode-se finalizar com o terceiro vento, isto é, o movimento chamado de *montanhismo*. De melhor alvitre, depois do derramamento descrito em Atos 2, tido pelos/as pentecostais como o início do movimento pentecostal, esse foi o segundo mover da onda pentecostal. O montanhismo foi um movimento cristão muito antigo fundado por Montano, na Ásia menor. A essência desse movimento era o retorno aos moldes antigos do Cristianismo professado pela igreja primitiva em preparação para o dia final. A característica desse movimento era uma conduta ascética em relação à pureza de um viver santo

⁶³ CAMPOS, 1999, p. 131.

⁶⁴ ALENCAR, Gedeon F. Prefácio. In: OLIVEIRA, David M. (orgs.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte, 2013. p. 15.

na terra. Assim, pode-se pontuar o pentecostalismo moderno que, nada mais é, do que uma hibridização de vários pensamentos, reflexões e de posturas de diversas ideologias, notadamente presentes em alguma época anterior ao moderno pensamento pentecostal. Nesse contexto, recomenda-se o recorte de Leonildo Siqueira, quando explicita que o pentecostalismo, do mesmo modo que todas as pessoas inteligentes, não é uma tábula rasa, ou seja, ele influencia enquanto é influenciado.⁶⁵

Em linhas gerais, a operacionalidade do pentecostalismo em essência não se alterou no decorrer de sua existência, mesmo sendo submetido a sistemas sociais e ao fenômeno econômico da globalização. Em síntese, tais fenômenos não foram suficientes para neutralizar o *modus operandi* do movimento pentecostal, o que reside no fato de influenciar a conduta humana através do mover sobrenatural de forças espirituais subjetivas. Logo, a substância, o aroma e a gema da operacionalidade do movimento pentecostal, em suas múltiplas e complexas manifestações e posições, sempre foi a ênfase no embevecimento através da visitação do sobrenatural do Espírito Santo.

Em sua totalidade, os vários ramos do pentecostalismo e seus paradoxos experimentais baseiam sua premissa e teologia em algumas passagens bíblicas, principalmente no livro de Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, que, similarmente, corrobora com os argumentos relacionados à experiência de um/a pentecostal. Isso é explicitamente ratificado no argumento de quando a pessoa recebe uma visita sobrenatural do Espírito Santo, assumindo uma posição totalmente diferente, em termos existenciais. Melhor dizendo, a pessoa é ressignificada e passa a dar novos significados à vida, porque é radicalmente mudada, assumindo uma nova percepção e visão de mundo.

Diante dessas considerações, é importante ressaltar que o pentecostalismo é um movimento que se distanciou das igrejas protestantes históricas tradicionais, e que tem como coluna vertebral de sua ortodoxia os ensinamentos deixados por Jesus Cristo. Todavia, na prática, os/as pentecostais fundamentaram sua ortodoxia nos acontecimentos do Pentecostes, segundo a narrativa do livro de Atos dos Apóstolos 2.

Vale ressaltar o problema da amorfia do campo religioso brasileiro, considerando a hibridação de três eixos fundamentais da cultura brasileira – indígenas, europeus e africanos. Esse campo permitiu a inserção de um elemento novo, emocional e místico nas terras brasileiras, facilitando o caldeamento do religioso, do profano e do místico e, ao mesmo tempo, flexibilizando o dialogismo entre essas vertentes que, em sua operacionalidade, foi produzindo

⁶⁵ CAMPOS, 1999, p. 16.

novos enunciados. Fundamentados nessas evidências, o pentecostalismo é diametralmente diferente do protestantismo histórico e tradicional, pois apresenta uma proposta racionalista e ritualística, estabelecendo-se e prosperando em seu *modus operandi*, ressignificando as pessoas e alcançando as camadas mais pobres e urbanas da sociedade.

Esse comportamento operacional embebecido pelo licor da imagem midiática, flexibilização da ortodoxia, exacerbação do emocional, ação social e outras condições e responsável pode ser constatado historicamente, desde o nascedouro no cenário brasileiro das grandes instituições evangélicas pentecostais, a igreja Assembleia de Deus, nosso foco de observação, com aproximadamente, segundo estatísticas, 22,5 milhões de evangélicos pentecostais segundo o Censo atual do IBGE.⁶⁶ A operacionalidade dessas igrejas em conquistar a mente das pessoas é a mesma. Elas apresentam uma mensagem incisiva, clara e direta de atração que, ao mesmo tempo, intenciona promover a solução dos problemas emocionais, físicos e espirituais das pessoas.

Parece conveniente dizer que, em todas as épocas do movimento pentecostal, o que permanecia em comum era a mesma operacionalidade. As experiências místicas, o batismo com o Espírito Santo – ratificado pelo falar em línguas – a simplicidade das mensagens e o público-alvo não seletivo. Mas, as grandes massas populacionais eram atraídas através de pregadores eloquentes que dominavam a oratória e impactavam as pessoas com sua capacidade de transmitir encorajamento, postura e firmeza ao público-alvo.

⁶⁶ IBGE. *Censo 2010*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

2 O TEMPLO COMO ESPAÇO SAGRADO DE DEVOÇÃO E DO FERVOR RELIGIOSO PENTECOSTAL

Este segundo capítulo analisa o significado físico e religioso do templo atribuída pelas pessoas em relação à importância de sua existência. O templo emerge como lugar sagrado com profundas implicações na vida das pessoas, em especial para os pentecostais. Com isso, aborda-se o templo como fator determinante na vida religiosa das pessoas, sendo considerado como fator condicionante na vida religiosa delas. Desse modo, os aspectos positivos e negativos relacionados a esse fato são investigados, no intuito de mensurar a centralidade do templo como fator de motivação ao fervor pentecostal. Com efeito, o templo é apresentado como um *locus* de satisfação e de sentimento de pertença, capaz de motivar as pessoas no processo de filtragem das informações externas, solidificando, assim, o exercício da fé e imprimindo a confiança e a coragem na vida delas, independentemente dos acontecimentos. Essa rigidez se choca com o cenário da pandemia da Covid-19.

2.1 O templo como fator determinante na vida religiosa das pessoas

Numa análise dos diversos fatores que se interpõem na vida religiosa das pessoas, fica claro que está intrinsecamente ligado à manifestação religiosa delas a existência de um lugar especial para externar sua vida de devoção e se relacionar com outras pessoas que professam a mesma crença. Nesse delineamento, apresenta-se o templo como um fator determinante na vida religiosa das pessoas. Em vista disso, para um melhor panorama da questão, é necessário reportar aos primórdios da civilização, que, desde a antiguidade, evidencia-se a necessidade do ser humano em expressar suas necessidades subjetivas e se aproximar daquilo que considera como um ser superior. Essa ideia, logicamente, tem como base fundamental a relação do ser humano com seu *habitat*, seu local de relacionamento e de interações com o outro.

Nesta pesquisa, concentra-se numa definição de religião a partir da influência que um templo exerce em seus/suas frequentadores/as, na importância de um local de reunião, espaço sagrado ou melhor, no território geográfico demarcado para manifestação ritualista do subjetivo. Na realidade, o que se busca neste desenvolvimento é caracterizar o fervor religioso pentecostal, empreendendo uma reflexão da influência de um templo na vida devocional de uma pessoa, independentemente do momento em que ela vive, do grupo social em que está inserida e, de forma lógica, da religião ou do credo professado por ela. De acordo com Zeny Rosendahl:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio de símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressa do sagrado, que possibilita ao homem estrair em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas.⁶⁷

Ao longo da existência humana, observa-se que a prática da religião, sem ter em conta se a devoção implica na adoração dos seus ancestrais, nos elementos da natureza ou em alguma força abstrata subjetiva tida como espiritual, está sempre relacionada a um lugar caracterizado como sagrado. Efetivamente, entende-se que as experiências religiosas são variadas, complexas e relacionadas às necessidades existenciais de cada pessoa. Todavia, o ponto nevrálgico de um culto religioso não é a religião em si, mas o lugar em que essa religião se realiza, em que é professada e em que o fervor é manifestado pelos seus/suas seguidores/as.

Em certo sentido, em sua praticidade, o local em que a religião é professada exerce uma influência preponderante e determinante nos/as seus/suas frequentadores/as. A exemplo disso, tem-se referências fortes nas religiões antigas, tais como: o judaísmo, catolicismo romano, islamismo e o budismo que, em seus locais sagrados, observa-se um poder de influência muito grande na vida dos/as seus/suas seguidores/as, notado especialmente em sua peregrinação fervorosa nesses locais de culto. Desse modo, percebe-se, em todas as sociedades, a frequência a um templo. A modernidade e os significativos avanços tecnológicos do mundo da pós-modernidade não foram suficientes para furtar a importância e a presença na vida das pessoas. Nessa perspectiva, para um melhor entendimento, esse assunto será tratado em cinco subseções, a partir de agora.

2.1.1 O templo como fator condicionante na vida religiosa das pessoas

Um templo, em sua existência na vida de uma pessoa, assume uma espécie de referencial cosmogônico da atividade religiosa que possibilita a interação entre o sagrado e o humano. Isso significa uma construção de elementos que integraliza o espaço sagrado para centralizar e organizar as atividades religiosas. Nesse caso, as experiências adquiridas pela pessoa no meio ambiente em que ela se relaciona são, muitas vezes, difíceis de serem compreendidas pelas lentes da análise científica. Entretanto, observa-se que essas experiências adquirem uma realidade abstrata e passam a pertencer ao mundo subjetivo das pessoas. Consequentemente, essa relação entre lugar e experiência abstrata cria imperceptivelmente uma rigidez de

⁶⁷ ROSENDAHL, Zeny. *Espaço & religião: uma abordagem geografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 30.

posicionamento e entendimento no que diz respeito às chamadas *hierofanias* – palavra de origem grega formada pela junção de dois termos: *hieros*, sagrado, e *faneia*, manifesto. Esse termo pode ser entendido como a manifestação do sagrado. Mircea Eliade assevera que “o mundo que nos rodeia, o mundo no qual são sentidas a presença e a ação do homem [...] tem um arquétipo extraterreno”⁶⁸.

Mediante essa realidade existencial, cria-se imperceptivelmente uma dicotomia do físico e do espiritual. Essas são dimensões que se interagem e dialogam entre si, produzindo novos enunciados que vão produzindo novas compreensões e estabelecendo a valorização do local na produção de uma identidade espacial e territorial, chamando-se de sagrado ou centro das manifestações do sagrado com o físico.

Na visão bakhtiniana, o enunciado é o processo de interação, tendo: “o falante, com sua visão de mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro”⁶⁹. Nessa conjuntura, a realidade do ponto fixo de culto, chamado de templo, vai adquirindo expressividade em relação às diversas *hierofanias*, que, de certo modo, materializam-se na consciência das pessoas, correspondendo a uma manifestação de uma verdade abstrata, porém, única.

De outro lado, esse axioma cria uma necessidade interna na pessoa de estar periodicamente presente nesse local, comunicando-se e interagindo com essa verdade única e absoluta. Nesse sentido, o templo assume o lugar de primazia na vida das pessoas, superando inclusive o seu próprio local de habitação. No entendimento delas, ao entrarem no templo, é como se abandonassem o mundo e assumissem uma posição de concentração e meditação com o subjetivo e com o divino. Mircea Eliade considera o templo como um espaço diferente, um lugar em que se faz a passagem do profano para o sagrado.⁷⁰ Em tempos de pandemia da Covid-19, com as regras impostas para que as pessoas ficassem em casa, muitos conflitos surgiram no mundo evangélico pentecostal em virtude do comportamento adquirido pelas pessoas, através do fervor religioso pentecostal, que as impulsionam em sua ida aos templos.

⁶⁸ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 21.

⁶⁹ BAKHTIN, Mikhail. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro e João, 2010. p. 56-57.

⁷⁰ ELIADE, 2010, p. 24.

2.1.2 O templo com sua realidade simbólica e suas linhas arquitetônicas de influência

Na verdade, o templo é o espaço onde acontece o chamado fenômeno religioso, cheio de cores, ritos, mitos, formas e símbolos que se correspondem e metaforicamente traduzem, de forma compreensiva, a realidade espiritual e metafísica. Destarte, a realidade dos símbolos presentes em um templo favorece a visão mística do ambiente em que acontece o diálogo entre os diferentes níveis da existência: a existência física, objetiva; e a existência mística, subjetiva.

De acordo com Clifford Geertz, o ser humano “tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e aos sistemas simbólicos a ponto de eles ser decisivos para viabilidade como criaturas”⁷¹. Desde os primórdios da civilização, essa interação entre o ser humano e os símbolos é essencial para a compreensão dos fenômenos da vida, e importante para a materialização dos seus próprios sentimentos. Os símbolos, em certo sentido, estão intrinsecamente ligados à natureza humana. “O símbolo é uma marca anfíbia, mergulhada no corpo próprio, na experiência de produção imaginária e criativa”⁷². Para Carl Jung, a compreensão da realidade é efetuada através dos símbolos. Assim como cada ser humano possui necessidades materiais e são satisfeitas materialmente, da mesma forma, cada pessoa possui necessidade imateriais, abstratas que precisam também ser satisfeitas.⁷³ Os símbolos, de forma peculiar, satisfazem essas necessidades, introduzindo a pessoa a viver em harmonia com essas necessidades.⁷⁴

Vale apenas enfatizar as diferenças existentes entre os templos das diversas religiões no mundo que em algumas religiões essa realidade mística é mais elástica, enquanto em outras conserva-se essa realidade mística submetida aos seus axiomas doutrinários e dogmáticos. Porém, generalizando, em todas elas, o templo é visto e reconhecido como um espaço imaginário, em que se processa o encontro do elemento físico com a realidade simbólica do elemento abstrato. Ontologicamente, o templo é o lugar em que se processa a separação entre o profano e o sagrado, entre o espiritual e o carnal.

O templo, em sua existência, é o local em que são construídas as fronteiras limítrofes entre o terreno e o celestial. Trata-se, nesse sentido, do local de revelação e comunhão com o sagrado, como já mencionado, um parêntese dentro da realidade palpável, física e mundana. O local em que o transcendente se torna imanente. Logo, compreende-se que o templo é o local

⁷¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 73.

⁷² MARTINS, F. *Semiologia psicológica: a abertura do campo clínico psicológico*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. p. 279.

⁷³ JUNG, Carl G. *A vida simbólica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 16.

⁷⁴ JUNG, 2011, p. 16.

do encontro da realidade palpável com a realidade abstrata. Com efeito, o templo é determinante para a prática da religião, exercendo um poder traduzido em fervor religioso que influencia preponderantemente as pessoas.

Segundo Pierre Bourdieu, “o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas já existentes”⁷⁵. Com isso, entende-se que as pessoas são atraídas pelo poder que os símbolos religiosos exercem em suas vidas, gerando fervor e influenciando no comportamento delas e em sua presença nos templos religiosos em busca de conforto, satisfação e alívio na alma.

Mircea Eliade compara essa realidade com a necessidade que qualquer ser humano possui em estabelecer um referencial para entender a realidade abstrata através da realidade física. Para ele, “a pedra sagrada, as árvores sagradas não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque revelam o sagrado, o ganz andere”⁷⁶. Com efeito, os símbolos possuem uma linguagem própria e possibilitam a comunicação da pessoa com o místico. Nesse aspecto, o templo é visto como o local específico e sagrado, para a manifestação grandiosa, intensa e determinante da prática religiosa.

A experiência religiosa, no decorrer das gerações, ensina que as construções são diferentes arquitetonicamente, em razão de sua forma retratar uma época, cultura, região e a atmosfera do momento. Por exemplo, os templos característicos construídos no antigo Egito, na Mesopotâmia, em Israel, na Grécia e em Roma. Os templos, a partir da Idade Média até a contemporaneidade, com templos modernamente construídos, seguem as mesmas ideias de conteúdo. Em sua essência, os templos, com seus *designs* arquitetônicos, favorecem seus/suas frequentadores/as com um sentimento de realização, dinamizando sua devoção e oportunizando seu desenvolvimento espiritual, além de possibilitar a oportunidade de todos/as terem acesso ao sagrado e partilhar de suas atividades.

Como já exposto, os templos se apresentam como locais da manifestação do simbólico, porém, suas linhas arquitetônicas resultam de uma cultura e de uma arte, fazendo parte de uma expressão de fé e exemplo do poder simbólico de uma determinada religião. Os povos primitivos, segundo a abordagem psicanalista e antropológica de Sigmund Freud, usavam a própria natureza para expressar a sua fé e crença num determinado deus, ou isso era realizado através das relações de fé e crença, ou era realizado no seio familiar. A construção de templos veio muito depois, todavia, não se tem ideia, historicamente, da construção arquitetônica do

⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 167.

⁷⁶ ELIADE, 2010, p. 18.

primeiro templo. Por conseguinte, sua construção física tem como finalidade exclusiva a dedicação aos ritos, aos sacrifícios e ao exercício do sagrado.

Diante disso, há muita significância em relação a essas construções, dando a entender que o templo é a materialização do sagrado que, necessariamente, une o físico com o metafísico. Sintetizando, as linhas arquitetônicas de um templo refletem uma mensagem subliminar do mundo espiritual e seu espaço, favorecendo, de forma singular, a manifestação abstrata e dinâmica do sagrado. Em contrapartida, a frequência a esse templo possibilita o recebimento de dádivas divinas concedidas aos frequentadores/as.

2.1.3 O templo como espaço geográfico de relação do humano com o sagrado

Meu interesse em abordar esta questão, obviamente de forma sucinta, é ressaltar que geografia e religião, de certa forma, não é um assunto separado, ambas, se encontram espacialmente nos lugares onde os templos funcionam. De acordo com a ciência geográfica – que estuda o espaço geográfico e suas diversas relações de interações com os seres humanos em suas áreas específicas. Entendemos como espaço geográfico, uma porção específica no globo terrestre demarcada pela natureza ou como um lugar onde os seres humanos imprimiram sua marca. O templo, em sua constituição religiosa, ocupa um espaço urbano que pode ser evidenciado, em relação a dimensão espacial da acessibilidade ao sagrado, pela importância ou desprezo do local. De certa forma, contribui com o panorama local, em razão da dinâmica social presente em um palco de acontecimentos num determinado espaço geográfico das relações sociais. O espaço geográfico em que acontecem as relações sociais não é estático, e sim dinâmico. Ou seja, está em constante transformação.

O espaço geográfico é o meio utilizado e transformado pelas atividades humanas. Em termos gerais, ele se difere do espaço natural, em função do fato de o último não sofrer diretamente as consequências das práticas econômicas, sociais, culturais e cotidianas presentes nas sociedades e envolvendo tanto o meio rural quanto o meio urbano. As formas de se definir o espaço geográfico variam de acordo com as diferentes correntes do pensamento geográfico. O espaço geográfico é composto por elementos naturais e culturais. Os elementos naturais são produzidos pela própria natureza e os culturais são produzidos pelos seres humanos.⁷⁷

A análise horizontal da geografia fornece uma visão ampla das diversas relações sociais e abre uma janela de entendimento das diversas experiências do terreno religioso. Diante disso,

⁷⁷ PENA, Rodolfo A. O que é espaço geográfico? In: BRASIL ESCOLA [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

a geografia cultural fornece um panorama de entendimento das diversas e complexas manifestações religiosas nos espaços classificados como sagrados e sua influência determinante na conduta das pessoas afetando a interação do binômio homem-ambiente. Nessa perspectiva geográfica, o lugar e o espaço, ou melhor, o palco em que acontece a cena chamada de relação social, é imprescindível a definição dos atores e das atrizes dessa cena. Nesse contexto, a identidade desses atores e atrizes fundamenta a visão científica da geografia. Trata-se dos seres humanos e do espaço em que se processa a relação entre eles e a sociedade.

Um templo, seja cristão ou não, é o espaço onde se processa o diálogo entre o físico e o metafísico, formulando elementos que norteiam o discurso da experiência individual e da percepção dos símbolos que traduzem a sacralidade do ambiente e a sua hierarquização, tornando um mais santo do que o outro, demonstrando, assim, uma nítida presença do fervor religioso reinante. Na contribuição de Monica Sampaio Machado, na igreja pentecostal, a territorialidade é marcada pela descentralização de decisões e por uma informalidade que facilita a difusão dessa crença no espaço. Numa ótica geográfica cultural, Paul Claval alega o seguinte:

A geografia Cultural está associada às experiências que os homens têm da terra, da natureza e do meio ambiente, e estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder suas necessidades seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.⁷⁸

Em síntese, o templo é o espaço sagrado, onde os devotos de uma religião, buscam orientação e realização, provocando um deslocamento, uma peregrinação periódica em atendimento aos dias e datas específicas. Zeny Rosendahl expõe o seguinte:

Espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida num objetivo, numa pessoa, em inúmeros lugares. Para o homem religioso a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado. Podem ser distinguidos e delimitados vários tipos de espaços sagrados. Desde o espaço vivido pelos grupos aborígenes, coletores da Austrália Central, ao ritualizarem seu espaço de vida através de mitos-ancestrais, até a presença de catedrais e locais de peregrinações destinados como espaços sagrados nas sociedades tecnologicamente mais adiantadas.⁷⁹

Diante disso, cabe agora apresentar o templo como um fator positivo e negativo na vida humana.

⁷⁸ PENA, [s.d.], [n.p.].

⁷⁹ ROSENDAHL, 1995, p. 63.

2.2 O templo como fator positivo e negativo na vida das pessoas

Os aspectos do templo como fator positivo e negativo não podem deixar de ser mesurados nesta pesquisa. Mas, antes de qualquer desdobramento a esse respeito, é de suma importância caracterizar o templo religioso como um lugar de expressão e de experiências vivenciais. Os seres humanos, em toda sua existência, tiveram um espaço especial que classificaram como sagrado. Esses locais são usados para partilhar suas experiências pessoais interativas e valorizar o espiritual e o místico. Nesse enquadramento, observam-se dois aspectos distintos e elementares, que serão desenvolvidos na sequência.

2.2.1 O templo em seus aspectos positivos

É importante destacar a questão da historicidade dessa realidade para uma reflexão mais elástica. Entre as mais remotas civilizações e épocas, encontram-se a existência dos templos ou espaços classificados como sagrados para a prática da religião ou crença. Essa realidade está intrinsicamente associada a três fatores: local de culto, sacrifícios aos deuses e local de reunião de pessoas unificadas por um objetivo comum. Porém, o templo ou o espaço sagrado, em todas as épocas, exerce uma influência considerável na vida das pessoas que o frequentam.⁸⁰ Para uma melhor compreensão em relação à dinâmica do templo em sua influência como aspecto positivo na vida das pessoas, parte-se de três entendimentos plausíveis.

No primeiro entendimento, o templo é o local em que se materializam as relações humanas entre os/as seus/suas frequentadores/as. No decorrer da história religiosa, as religiões têm sido como tenda acolhedora para seus/suas seguidores/as. Muitas religiões, em sua proposta dogmática, têm inserido uma teologia do compromisso social para fortalecer seus objetivos religiosos e, ao mesmo tempo, criar espaços para o diálogo entre as diversas classes sociais. A proposta inicial é criar uma filosofia de tolerância e democratizar as interações humanas.

O movimento pentecostal, em sua dinâmica operacional, tem sido um dos movimentos de maior projeção religiosa atualmente, no cenário brasileiro. Em vista dessa realidade, o movimento influencia milhões de pessoas e, irremediavelmente, interfere na vida social, emocional e intelectual delas. Nesse ponto, observa-se que uma das muitas características do pentecostalismo é justamente criar possibilidades de uma relação mais ampla e, ao mesmo tempo, mais estreita em relação à vida social de seus/suas adeptos/as.

⁸⁰ MORAES, Israel A. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 35.

É importante salientar que o pentecostalismo em sua essência tem sido uma força de socialização em alguns sentidos, por exemplo, na questão da ressocialização de pessoas convertidas em seus templos por ações evangelísticas periféricas ou em comunidades que, em outra ocasião, estavam imergidas em delitos, crimes ou algum tipo de subversão social, provocando prejuízos ao estado legal. O pentecostalismo, em sua ação social, reorienta essas pessoas e promove o exercício da cidadania. Nesse contexto, tem-se a questão das respostas necessárias ao equilíbrio emocional na vida das pessoas, que são arguidas diariamente pelas questões emergentes demandadas por uma sociedade caracterizada pela exclusão social, abandono e robotizada pelos meios de comunicação em massa. O pentecostalismo também pode ser visto em sua operacionalidade como uma força social de equilíbrio, de fortalecimento e de satisfação social das pessoas. Nesse sentido, o movimento pentecostal é “força poderosa e dinâmica que impacta a vida”⁸¹.

De fato, a realidade das ações sociais realizadas pelas religiões e em especial o pentecostalismo demonstram que, no decorrer do tempo, os espaços sagrados têm se modificado em conformidade com a necessidade de manter uma atmosfera acolhedora. De melhor alvitre, oxigenar os pulmões do ambiente em que se processam as relações humanas. O templo é de fundamental importância para ativar e manter as reflexões em relação ao entendimento da religião como alternativa viável e aceitável na construção de valores e de princípios norteadores de uma vida social saudável e promissora.

Não se pode olvidar a ideia existencial e experimental da formação das pessoas em um *habitat*, em uma família e em outros ambientes sociais. Os estudos em psicologia ratificam o fato de que os seres humanos são influenciados e recebem as impressões de seu caráter, cultura, cosmovisão e socialização em seu ambiente familiar. Da mesma forma, o templo religioso exerce uma influência significativa na vida das pessoas com seus valores éticos, religiosos, sua valorização, senso de limites e a sua interação com os/as outros/as seguidores/as, respeitando-os/as e estabelecendo uma convivência mútua, pacífica e de solidariedade.

O templo é o local que favorece o espírito de acolhimento aos marginalizados pela sociedade supressiva. Esse entendimento não somente favorece seus/suas frequentadores/as, mas todas as pessoas que procuram ser acolhidas nessas comunidades religiosas. Ou melhor, elas recebem uma nova identidade, levando em consideração que todas que frequentam uma religião e professam a mesma fé, com a consciência de pertencer a essa religião. Essa condição de pertença lhes confere um *status* membresia e de irmandade.

⁸¹ MENEZES, 2016, p. 115.

A sociedade de hoje é excludente. É possível observar e sentir no cotidiano o sentimento de rejeição, indiferença e exclusão em todos os setores da sociedade pós-moderna. Em potencial, a geração contemporânea é caracterizada por um ambiente de frustrações, vazios existenciais e sentimento de perda generalizado, que se estende da perda de um emprego à perda da alegria da existência humana. Na ótica de Jock Young, “a ordem social do mundo industrial avançado é uma ordem que engole seus membros”⁸².

Nesse perfil do mundo moderno, as pessoas são engolidas pela hostilidade da omissão e da indiferença. A única saída é se esconderem na caverna da depressão. Necessariamente, mantendo os passos dessa digressão, é de grande valia ressaltar a presença dos templos pentecostais como locais de acolhimento para as pessoas marginalizadas pela ordem social, que é opressora e autoritária galopante e que provoca uma série de consequências sociais deletérias.

O pentecostalismo é acolhedor e uma de suas premissas doutrinárias é a unanimidade, a comunhão entre os irmãos. O pentecostalismo, em sua essência, tem sua origem bíblica no Livro de Atos dos Apóstolos 2, 1, em que se lê: “estavam todos reunidos no mesmo lugar”. Essa é a premissa básica e fundamental de todo o movimento pentecostal. Mesmo entre as mais diferentes e complexas denominações pentecostais, o axioma do livro de Atos permeia todo o *modus operandi* do movimento. Ou seja, o fervor do acolhimento pessoal, a atmosfera do ambiente familiar é sentida em todos/as os seguidores/os e, necessariamente, a força do fervor pentecostal é sentido mais no ambiente interno de cada templo.

O sentimento de pertença é muito forte em um templo pentecostal, inclusive entre os/as mais novos/as frequentadores/as. Segundo Beatriz Souza, esse sentimento é fruto dos elementos simbólicos que regem e definem a operacionalidade do movimento pentecostal, isto é, o falar em línguas estranhas mediante o batismo com o Espírito Santo. O movimento pentecostal valoriza a vida das pessoas, proporcionando-lhes um fortalecimento social é um movimento humanizador e de unidade entre sua membresia.⁸³

No segundo entendimento dos aspectos positivos, o templo favorece uma qualidade de vida saudável em um mundo de pressões existenciais e psicológicas. A frequência aos templos para muitas pessoas é sinônimo de cura espiritual, mental e física. Vale ressaltar que em uma reunião religiosa em um templo existe sempre um clima de referência, que possibilita atribuir sentido à vida. O ser humano do mundo capitalizado e moderno perdeu o sentido da vida. É

⁸² YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro: Revan, 2002. p. 125.

⁸³ SOUZA, Beatriz M. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969. p. 29.

uma pessoa carente de referência de padrões que norteiam sua vida, que lhe dê direção e sentido a sua existência.

Entende-se que a humanidade vive, além de outras muitas crises existenciais, a crise dos sentidos da vida. A experiência com o sagrado, a reunião com os/as membros/as, os testemunhos de vida, os rituais, os ensinamentos, as homilias, as pregações e uma infinidade de acontecimentos que podem ser gerados no interior de um templo, necessariamente, contribuem, de forma decisiva, na formação de sentido na vida dos/as frequentadores/as de um templo. Esse suporte de coisas que são recebidas no interior de um templo pode ser traduzido como um remédio para cicatrizar as feridas existenciais, um bálsamo para aliviar o sofrimento e um licor para alegrar os corações, resignificando o sentido da vida.

Na verdade, as organizações religiosas, em sua operacionalidade, oferecem aos/as frequentadores/as e adeptos/as um sentido novo de vida diferente dos modelos otimizados pelas sociedades e pelas instituições seculares que, em certo sentido, favorecem seus/suas seguidores/as com uma organização de ideias e entendimento do que realmente é a vida “essa ordem de pensamento baseia-se em crença, mito e valores”⁸⁴.

Em suma, o dimensionamento do alto padrão de qualidade de vida nos aspectos positivos da frequência a um templo religioso pode ser evidenciado sistematicamente nas atividades produzidas no interior de um templo religioso. Essas atividades, pedagogicamente, são direcionadas a todas as faixas etárias do ser humano, inclusive enfatiza, em muitas situações, trabalhos específicos com mulheres, casais, famílias e, em especial, com as vítimas da sociedade exclusiva. Nesse sentido, Zeny Rosendahl considera que a presença das pessoas nos espaços sagrados favorece uma vida satisfatória em sua existência.⁸⁵

Nesse desdobramento, é importante salientar três observações plausíveis e determinantes em relação a esse desenvolvimento. A primeira é a produção existente no interior de um templo, em seus aspectos positivos, que alcança seus propósitos em plasmar em seus/suas frequentadores/as os valores e as crenças, aperfeiçoando atitudes comportamentais e equilíbrio emocional. A segunda é a qualidade de vida oferecida ao idoso, à juventude e, em especial, às mulheres vítimas de violência doméstica e violência social. Terceiro, destaca-se o pentecostalismo em sua maior força das produções no interior de seus templos, favorecendo uma alta qualidade de vida para seus/suas adeptos/as, o que independente se eles/as são novos/as ou antigos/as, mas, proporciona-lhes um ambiente de transformação, de afirmação e de motivação para um sentido de vida promissor.

⁸⁴ CLAVALL, Paul. *Epistemologia da geografia*. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 234.

⁸⁵ ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 66.

2.2.2 Aspectos negativos de um templo

O templo pode ser visto também sob aspectos negativos em relação à função de bitolar, aprisionar e amarrar as pessoas a um objetivo pessoal, nublando o entendimento delas em relação ao mundo real e concreto. Observa-se nos templos sagrados a postura de alguns líderes religiosos que usam sua *expertise* teológica e motivacional para enriquecer de modo ilícito, por exemplo. Esses líderes usam os templos como plataforma eleitoral para perpetuarem-se no poder. Na verdade, para conseguir seus objetivos, eles incorporam a verdade como se fosse a própria verdade, e como se eles fossem os legítimos representantes de Deus no mundo. Indiscriminadamente, eles usam os espaços sagrados para disseminar, através de sua homilia e pregação, o medo e a perseguição, classificando de rebeldes as pessoas que não aceitam seus ditames.

Em sua conjuntura emocional, os seres humanos criam imagens e símbolos que necessitam referências materiais para a compreensão e valorização do lugar, ou seja, “não há nenhum fenômeno natural e nenhum fenômeno da vida humana que não seja passível de uma interpretação mítica, e que não peça uma tal interpretação”⁸⁶. Dessa forma, já está plasmado no pensamento das pessoas que o templo é o local sagrado em que se manifesta algo sobrenatural que em nenhum outro local poderia ser sentido.

Para Mircea Eliade, a realidade da existência do templo em sua sacralidade é o espaço em que se processam as relações místicas e humanas. Segundo ele, o templo é uma “rotura operada no espaço”⁸⁷, e esse quadro cria, naturalmente, uma dependência desse lugar no cotidiano das pessoas e, consecutivamente, abre-se uma porta para as diversas habilidades e espertezas daqueles/as que estão investidos/as na posição de poder nessas instituições. Afinal, as pessoas são seres psicológicos com uma mente, sentimentos e, em certo sentido, elas estão cheias de medo, ansiedade, angústias e inquietações em relação aos acontecimentos da existência. O dualismo moldado na consciência humana em relação ao sentimento religioso é traduzido de modo natural e sobrenatural, carnal e espiritual, sagrado e profano, permitindo que as ações de alguns líderes religiosos em um templo sejam controladoras, como assevera Mary Douglas: “começa a controlar a memória dos seus membros”⁸⁸.

Em suam, trata-se de uma postura antiética assumida por esses líderes, classificados como profissionais da fé ou celebridades da fé, a fim de satisfazerem seus propósitos e

⁸⁶ CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 123.

⁸⁷ ELIADE, 2010, p. 26.

⁸⁸ DOUGLAS, Mary. *Como pensam as instituições*. Lisboa: Instituto Piaget, 1986. p. 151.

interesses, que usam a religião para fundamentar suas ações deletérias e nocivas. Nessa natureza, eles mutilam a prática da religião verdadeira, intensificam as experiências místicas, supervalorizando o emocionalismo para um controle eficaz da mente humana, visando a obtenção de seus objetivos. A frequência a um determinado templo pode formar nos/as seguidores/as um espírito fundamentalista. Na pandemia da Covid-19, por exemplo, foram muitas as decisões e as reações de líderes religiosos que recorreram ao fervor religioso das pessoas para conduzi-las aos templos, como uma solução plausível para os problemas inerentes ao novo coronavírus.

2.3 A centralidade do templo como fator de motivação ao fervor religioso pentecostal

O pentecostalismo é um movimento com características próprias e complexas dentro do Cristianismo, e não se pode deixar de mencionar a centralidade do templo como um fator de motivação para o fervor pentecostal. Zeny Rosendahl alega o seguinte: “o espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo”⁸⁹. Desse modo, cada religião ou segmento religioso, de forma similar, possui seu local específico de reunião e prática religiosa. A ênfase na manifestação do sagrado define a existência de um templo religioso numa comparação diametralmente oposta a outros lugares, isto é, “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente das realidades naturais”⁹⁰.

Com base nisso, as pessoas frequentam os templos, tendo-o como elemento fundamental no processo ativo da experiência religiosa. Não somente isso, mas entende-se que o ser humano, no decorrer de sua existência, sempre necessitou ter suas necessidades subjetivas satisfeitas. Nesse sentido, o sucesso do pentecostalismo fundamentou sua operacionalidade no emocional, enfatizando sempre as necessidades subjetivas das pessoas e conferindo ao espaço sagrado, ou melhor, aos templos ou lugares em que se realizam os cultos pentecostais, um *status* de santuário, onde a manifestação dos atributos sobrenaturais é real.

Em paralelo a isso, o templo costuma ser associado a um lugar de recebimento de bênçãos, de vitórias, de quebra de maldições, de curas, de milagres e de realizações pessoais, aquecendo o fervor religioso pentecostal em seus/suas frequentadores/as. O templo se torna um lugar de privatização das relações dos seres humanos com os seres divinos e angelicais. Essa é a diferença significativa de um templo pentecostal dos demais templos cristãos protestantes

⁸⁹ ROSENDAHL, 1996, p. 30.

⁹⁰ ELIADE, 2010, p. 25.

tradicionais. Seria inócuo falar sobre a centralidade do templo como fator de motivação para o fervor religioso pentecostal sem antes, de modo genérico, falar dos caminhos que o fervor religioso pentecostal trilhou durante sua existência e influência na vida das pessoas que aderem a esse movimento.

Define-se o fervor pentecostal como um desejo muito intenso ou um forte entusiasmo em relação aos pressupostos doutrinários que norteiam o movimento pentecostal. O movimento pentecostal se caracterizou pelo rompimento dos modelos tradicionais do protestantismo, criando um modelo próprio de culto a Deus e enfatizando sempre o fervor em suas manifestações.

Vale fazer um breve panorama nas raízes da forte presença do fervor religioso pentecostal atualmente, que representaram portas abertas para o desdobramento do fervor religioso pentecostal no seio do movimento pentecostal. Desde o século XIX, na história do protestantismo evangélico, nota-se um aumento considerável no fervor religioso. Nesse período, é possível pontuar vários movimentos de santidade entre as igrejas protestantes evangélicas da época, com um comportamento ratificado pela mensagem do retorno de Cristo à Terra.

Nesse desdobramento, baliza-se historicamente dois notáveis movimentos que impulsionaram essa busca do fervor religioso entre as igrejas protestantes da época. Trata-se, em primeiro lugar, dos movimentos de renovação carismática, de 1900, em Topeka, Kansas, que teve o pastor Charles Parham como mentor principal. Charles Parham foi um pregador estadunidense e membro da igreja metodista, que, mais tarde, criou outros seguimentos evangélicos, chamando-os de missão. Ele acreditava na cura divina e repassava esses ensinamentos para seus/suas seguidores/as. Charles Parham é considerado por muitos como a raiz do pentecostalismo atual. Outra baliza da renovação carismática da época foram os movimentos da Rua Azusa, em Los Angeles, nos Estados Unidos da América.

Apesar desses movimentos terem sido veementemente combatidos e até mesmo perseguidos como manifestações carnavais e diabólicas, suas raízes permanecem atualmente e, misteriosamente, não perdeu sua essência principal que é o batismo com o Espírito Santo, caracterizado pelo falar em línguas estranhas. Sendo assim, o elemento principal do fervor religioso pentecostal é a renovação carismática, caracterizada no falar em línguas estranhas, numa vida de santidade, nas manifestações sobrenaturais e numa vida de entusiasmo, satisfação pessoal e coletiva manifestada no interior dos templos pentecostais. Em outros termos, trata-se de um retorno ao modelo neotestamentário, uma postura restauracionista dos conteúdos narrativos imprimido pela igreja primitiva, segundo o livro de Atos dos Apóstolos (At 2, 1).

Hoje não existem limites para frear o movimento pentecostal no mundo e sua essência básica, fundamental e experimental é o fervor religioso. Naturalmente, isso pode ser conferido em todas as denominações evangélicas ou segmentos religiosos pentecostais no mundo. Essa realidade é sentida e vista de diversas formas de manifestação em um determinado lugar para o outro. Porém, o fervor é o mesmo e sempre existe uma dose de entusiasmo, de satisfação e de alegria contagiante e motivadora.

Em vista disso, entende-se que o fervor religioso pentecostal revitaliza e condiciona muitos elementos da crença religiosa, no sentido de manter a chama da devoção, os símbolos religiosos característicos e a presença das pessoas nos cultos no qual professam sua fé. Peter Berger relata que a influência secular que a religião é submetida pode conduzi-la ao declínio e, necessariamente, o antídoto para evitar essa verdade é a ênfase no fervor religioso. Com efeito, algumas instituições religiosas, no decorrer da sua existência, podem perder sua influência na vida das pessoas. Algumas desaparecem devido à falta do fervor religioso e, nesse sentido, elas podem assumir novas formas de expressividade e, em determinada situação, podem se apresentar com uma manifestação significativa de fervor religioso entre os/as seguidores/as.⁹¹

Nesse processo, o fervor religioso cristaliza os anseios e os objetivos da religião professada, sem deixar os vetores da pós-modernidade diluírem seus pressupostos existenciais, mantendo sempre acesa a chama da sobrevivência dos símbolos religiosos. Por isso, o pentecostalismo enfatiza, de forma até exacerbada, em alguns seguimentos pentecostais, a ênfase nas experiências emotivas e sensitivas. Nas palavras de Ronaldo Almeida, “o pentecostalismo introduziu no protestantismo a experiência mágica e acentuou a emotividade”⁹².

Nessa conjuntura, tem-se a centralidade do templo como um fator de motivação para o fervor religioso pentecostal. Trata-se de um fator decorrente da importância de o templo ser o local em que se desenvolve todo processo pentecostal. O pentecostalismo é carismático, ou seja, cada reunião realizada em um templo é uma fonte inesgotável de novidades. Cada pessoa, em potencial, possui suas demandas existenciais que, em certo sentido, precisam ser satisfeitas pelas instituições governamentais e pela religião tradicional, quando isso não acontece, necessariamente, ela sai a procura dessa satisfação.

⁹¹ BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001. p. 10.

⁹² ALMEIDA, Ronaldo. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 40.

Um culto pentecostal possui um efeito imã. Suas ondas de atração são propagadas através das pregações avivalistas, da autoestima, da teologia da prosperidade e das curas. Na prática, isso acontece através da instrumentalidade de seus líderes *experts* em criar uma atmosfera de coesão moral e motivação pessoal. De acordo com Waldo César, “as igrejas protestantes históricas nunca souberam lidar com o popular”⁹³. Para o autor, trata-se da fenomenologia da conversão das pessoas e a sua transformação em um ambiente pentecostal.

Outra característica notada nos templos pentecostais é a questão da frequência. Esse assunto será mais bem desenvolvido no terceiro capítulo, mas, para um entendimento imediato, a centralidade do templo emerge como fator de motivação ao fervor pentecostal. A membresia de uma igreja pentecostal faz questão de estar presente em um culto.⁹⁴ Waldo César argumenta o seguinte: “o fervor pentecostal se distingue de outras experiências religiosas populares na sua relação com a questão da sobrevivência popular e familiar”⁹⁵. A dinâmica do fervor pentecostal, com efeito, é processada de maneira genérica no interior dos templos pentecostais. Nesse sentido, nos últimos anos, tem-se observado entre as denominações evangélicas pentecostais uma valorização nos empreendimentos imobiliários, a construção de novos e espaçosos templos pentecostais ou aluguéis de lojas, espaços em *Shoppings* e outros para suas reuniões semanais. Pode-se mencionar, por exemplo, os modernos templos da IURD. São templos de construções milionárias e espaços para abrigar mais de 10.000 pessoas, em um único culto. Paul Freston considera a IURD como “uma atualização das possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo”⁹⁶.

De acordo com o contexto esboçado nas páginas anteriores, os templos são espaços sagrados dedicados à manifestação do sagrado, e representam o local de encontro do humano com o divino, através de uma liturgia acessível a todas as pessoas. Atualmente, as igrejas pentecostais utilizam esses templos na produção de satisfação interna das pessoas que estejam sem expressividade, reorientando-lhes e fornecendo-lhes experiências sensoriais, emotivas e ressignificando sua existência física, no intuito de dar e elas um novo e dinâmico sentido da vida. Essa postura está circunscrita no pentecostalismo, que usa sua dinâmica operacional associada aos elementos doutrinários e formadores de sua coluna vertebral. Esse fato se justifica na experiência do volume de pessoas que procuram os templos pentecostais no afã de satisfazer suas demandas cotidianas e em busca de algo novo e satisfatório para suas vidas.

⁹³ CÉSAR, Waldo. Sobrevivência e transcendência: vida cotidiana e religiosidade no pentecostalismo. *Revista Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v.16, n 1-2, p. 46-59, 1992. p. 52.

⁹⁴ CÉSAR, 1992, p. 52.

⁹⁵ CÉSAR, 1992, p. 54.

⁹⁶ FRESTON, 1996, p. 139.

O pentecostalismo, como a maioria das religiões, crê que o templo é um lugar santificado, um lugar consagrado para a dedicação e o serviço ao sagrado. Com isso, não se pode deixar de focar na questão dos nomes – engraçados e curiosos, muitas vezes –, que, em algumas denominações pentecostais, são colocados e são característicos, representando a centralidade do sagrado no domínio de suas atividades. Por exemplo, as derivações do nome da maior denominação pentecostal do Brasil, a igreja Assembleia de Deus, a saber: Igreja Assembleia de Deus de Todos os Santos (IADTS); Igreja Assembleia de Deus Fonte do Poder de Deus (IADFPD); Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC); e a Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. O fundador e líder desta última tem uma maneira peculiar de se apresentar em público. Ele produz o som de uma metralhadora com a boca e diz que está metralhando os demônios. Esse procedimento atrai muitas pessoas para essa igreja, em sua maioria, são pessoas marginalizadas pela sociedade. Nas palavras de Edin Abumanssur:

Basta assistir a um culto para se perceber o encadeamento lógico, com precisão quase ilógica, a partir de algumas premissas, da maneira como concebem Deus e a relação dos homens com ele. O discurso proferido nessas igrejas é acessível ao entendimento do fiel. A eficácia dos gestos e das palavras realiza-se na compreensão e lógica aceitáveis para quem ouve. A magia acontece ale está dependente de uma cumplicidade entre a fala do pregador e o ouvido do crente.⁹⁷

Deve-se destacar, antropológicamente, que a ideia de sacralidade de um templo não é um produto do pentecostalismo, e sim uma prática e entendimento que se remonta aos primórdios da civilização. Para eles, efetivamente, o espaço sagrado era a limitação do carnal com o metafísico. Isso é observado em algumas religiões primitivas e até mesmo em algumas religiões modernas, tais como, o catolicismo, o budismo e o islamismo que delimitam um espaço e denotam a ele respeito, separação e virtudes espirituais.

Em contrapartida, a visitação ou a presença dos/as seguidores/as nesses lugares visa a prestação de culto, práticas de rituais e doações de oferendas. Isso confere aos/as seguidores/as uma experiência ímpar e sobrenatural na compreensão do sagrado, de suas manifestações, de seu agir em relação a sua devoção e a revelação do sagrado mediante sua fé. Em síntese, os templos, enquanto construções arquitetônicas dos dias atuais, refletem não somente a especificação do lugar sagrado em termos litúrgicos e local de reuniões para acomodar a membresia em seu exercício espiritual. Mas, de uma maneira especial, refletem uma reverência

⁹⁷ ABUMANSUR, Edin S. *As moradas de Deus: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais*. São Paulo: Crista Novo Século, 2004. p. 132.

ao sagrado através dos materiais usados na construção para representar a morada do sagrado com os seres humanos.

Nesse contexto, para o pentecostalismo, o templo passa a ocupar o raio da circunferência das atividades religiosas pentecostais, assumindo a centralidade do fator motivacional do fervor religioso pentecostal. O templo, em sua performance, passa a ter a força centrípeta de devoção espiritual de todo o movimento pentecostal. Essa força centrípeta de atração é entendida como uma força superior e sobrenatural que age em favor das pessoas oprimidas e necessitadas, proporcionando alento, respostas e satisfação nas mais diversificadas e complexas situações vivenciadas no cotidiano delas. Em paralelo, essa força estabelece os elementos motivadores para a conservação e ampliação do fervor religioso pentecostal.

Na realidade, essa força centrípeta de ações místicas, emocionais e de experiências individuais com o sagrado cria em sua dinâmica um vínculo com os/as frequentadores/as, possibilitando uma uniformidade de experiências individuais e coletivas, e constrói valores e princípios norteadores para o público pentecostal, que, em sua operacionalidade, são indivisíveis, concedendo alternativas a sua clientela. Mircea Eliade defende que “a porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade”⁹⁸. Em outros termos, a porta do templo é a divisa do lugar santo e do profano, que é a delimitação do mundo com seus atrativos e vontades carnisais.

A pandemia da Covid-19 trouxe uma desorientação generalizada e um vazio existencial que produziu na psiquê das pessoas embates emocionais. No momento da pandemia, muitas pessoas procuraram os templos pentecostais em busca de uma resposta para os seus questionamentos. Nesse sentido, muitos líderes falharam em sua perspectiva. O templo é fundamental para a mobilização e para a motivação das pessoas que o procuram no intuito de encontrar a tão sonhada resposta para os questionamentos da vida. Segundo Boaventura de Souza Santos, “existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais de crise”⁹⁹.

O culto pentecostal com sua liturgia, cânticos, testemunhos de virtudes recebidas, orações, campanhas para recebimento de graça e suas pregações reflete a presença do sagrado e oportuniza a interação do humano com o divino. Nesse sentido, o templo se torna um lugar de abastecimento espiritual para o viver humano. Michel Meslin assevera que o templo não é apenas uma realidade arquitetônica, um edifício construído para abrigar pessoas ou o resultado

⁹⁸ ELIADE, 2010, p. 24.

⁹⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020. p. 9-14.

da finalização de uma construção material que evidencia uma obra de engenharia, e sim “o ponto de início absoluto em que as energias divinas irrompem e, ao mesmo tempo, é o lugar em que o homem faz a experiência dessa realidade total”¹⁰⁰. Diante dessas implicações do pentecostalismo em relação ao templo, é assertivo considerar que não se pode tomar decisões irresponsáveis diante de uma crise – como foi notado ao longo da pandemia do novo coronavírus – que coloquem insanamente em risco a vida das pessoas.

Em suma, o pentecostalismo, em toda sua trajetória, tem dado um valor especial para a centralidade do templo como a casa de Deus, expondo esse espaço como o *locus* privilegiado para a manifestação do sagrado, objetivando a necessidade da presença dos/as seguidores/as a se comprometerem a estar presentes na casa de Deus, visando o fortalecimento da comunhão com os seus irmãos e com suas irmãs. Nesse propósito, promovem-se reuniões com viés emocionalista e sensacionalista, com a finalidade de manter sempre acesa a chama do movimento pentecostal, que tem como essência as manifestações sobrenaturais e a ênfase ao emocional.

Pode-se estabelecer, então, que a centralidade do templo é o fator determinante para conservar o fervor religioso pentecostal. Nessa abertura, efetivamente, o cenário atual dos templos pentecostais mostra esse fervor religioso pentecostal no processo de motivação dos/as seguidores/as em relação à frequência maciça nos templos. Porém, a pandemia da Covid-19 começou a quebrar esse paradigma e formar novas alternativas para a manifestação do fervor religioso pentecostal.

Nessa segmentação, é importante colocar que, para o pentecostalismo, o templo de Deus tem voz e é a própria encarnação do sagrado. Por isso, seus/suas frequentadores/as são influenciados/as a frequentarem as reuniões, independentemente dos fatores antagônicos e reinantes do momento. É interessante notar que muitos desses templos marcam intensamente a presença maciça de seus/suas frequentadores/as para participar dos rituais ali realizados. Em certo sentido, são rituais estranhos, complexos que, numa perspectiva fenomenológica, contêm uma essência atrativa, um poder de atração pessoal muito significativo observados paradoxalmente na expressão corporal, no ajoelhar, no bater palmas, no sorriso e no chorar de alegria em seus/suas frequentadores/as.

Trata-se de um comportamento explicado pelo pentecostalismo como uma anunciação do signo divino presente na casa, ou seja, no templo. Em conformidade com esse comportamento, os/as pentecostais alegam que a manifestação é forte, e que os seres humanos

¹⁰⁰ MESLIN, Michel. *Fundamentos da antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 135.

não suportam a presença do divino em toda sua plenitude. Então, a reação dos/as seguidores/as é bater palmas, correr, marchar e outros comportamentos bizarros. Segundo Mircea Eliade, as crises vivenciadas pelos seres humanos na modernidade têm sua resposta na religião, por meio da revelação, possibilitando ao/à praticante uma experiência diferente que faculta à pessoa romper a fronteira do natural e apropriar-se do mundo do espírito.¹⁰¹

No marco existencial do pentecostalismo, o fervor religioso pentecostal é a sua insígnia de identidade e visibilidade do movimento. Todavia, os pulmões da respiração do oxigênio das manifestações místicas do pentecostalismo são os vários e complexos rituais de cultos realizados em um templo. A ancestralidade do movimento pentecostal tem como primeiro derramar do Espírito Santo o segundo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, em que se lê: “cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2, 1).

Aqui reside a historicidade, a doutrina e o *modus vivendi* do pentecostalismo, ou seja, “estavam todos reunidos no mesmo lugar”. Esse lugar se refere a um cenáculo, lugar separado para suas reuniões periódicas, em Jerusalém. O termo pentecostal que deu origem ao pentecostalismo não designa o derramamento do Espírito Santo, mas é o marco histórico do derramamento do Espírito Santo. Segundo a narrativa de Atos dos Apóstolos, esse marco se deu no dia comemorativo a festa de Pentecostes, celebrada cinquenta dias após a Páscoa judaica pelo povo judeu. Então, o termo pentecostes é definido como as celebrações em alusão à colheita dos primeiros frutos da terra pelos judeus.

Esse conteúdo é histórico e dogmático para os pentecostais, bem como é de indeclinável relevância para sua praticidade e manutenção do fervor religioso pentecostal. Não se deve esquecer que o pentecostalismo é uma vertente do Cristianismo, e em sua declinação trouxe uma das características primigênia do Cristianismo. O cristianismo é uma religião confessional e que tem como regra fundamental de fé a observância das Escrituras Sagradas. Essa premissa histórica reforça o desdobramento da centralidade do templo como fator fundamental para a motivação do fervor religioso. O texto bíblico narra o seguinte: “estavam reunidos no mesmo lugar” (At 2, 1). Ou seja, todos juntos em um local designado para suas reuniões. O pentecostalismo tem como viés esse texto em corroboração aos demais escritos na Bíblia, mas esse é o principal, constitui a gênese do pentecostalismo.

Convém mencionar que essa manifestação do sagrado no dia de Pentecostes, segundo a narrativa bíblica do livro de Atos dos Apóstolos, muda todo o contexto histórico de uma

¹⁰¹ ELIADE, 2010, p. 28.

celebração ao cultivo da colheita dos primeiros frutos da terra. Inexoravelmente, ela dá lugar ao templo, à celebração da presença do sagrado na vida dos/as frequentadores/as, tornando-o o centro da motivação do fervor pentecostal. Dessa forma, fica plasmado no entendimento dos/as adeptos/as do pentecostalismo a ideia do templo como espaço das experiências profundas com o sagrado. Mircea Eliade acrescenta: “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”¹⁰².

A manutenção do fervor religioso pentecostal, em uma sociedade volátil, é um dos maiores desafios do pentecostalismo na atualidade. Num mundo secularizado e responsável pela modernização da sociedade mundial, abriga-se uma geração contemporânea caracterizada pelos vetores de fragmentação das instituições sociais. Esse mundo reproduz, invariavelmente, na mente das pessoas uma autonomia de valores individuais que, na prática, dificultam a concepção do espaço religioso como algo prioritário na vida delas. Max Weber, com sua teoria da secularização, veículo da modernidade, expõe o processo de emancipação e desenvolvimento tecnológico turbinados pela teoria do conhecimento racional crítico de Karl Raimund Popper. Segundo ele, produz um novo desenho do mundo, em que a religião vai para o segundo andar do pensamento do homem moderno. Porém, Lísias Negrão declara que as proposições de Max Weber foram delineadas num momento em que a religião estava desacreditada. Todavia, nos dias de hoje, a religião se renovou, vestindo uma nova roupagem. Lísias Negrão chama essa nova postura de “revanche de Deus”, colocando como exemplo a religião no Brasil.¹⁰³

Para os secularistas, a religião não subsistiria em um mundo secularizado, no entanto, na experiência pessoal é bem diferente. A religião reage, permanece viva e forte nos dias de hoje. Na mesma cadência, a sociologia afirma categoricamente, em referência às pesquisas das Ciências das Religiões, que a procura dos templos pentecostais se dá justamente em períodos de crises da vida ou pela população de periferia, marginalizada pela sociedade excludente. Esse perfil existencial de comportamento humano é um ingrediente de força e vigor para o fervor pentecostal.

¹⁰² ELIADE, 2010, p. 50.

¹⁰³ NEGRÃO, Lísias N. Intervenção. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. (orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 134.

3 A DINÂMICA DA FREQUÊNCIA AO TEMPLO PENTECOSTAL E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DAS PESSOAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Este terceiro capítulo analisa a dinâmica da frequência no templo pentecostal e sua influência na vida das pessoas, mormente no período da pandemia da Covid-19. Para tanto, foram realizadas entrevistas com pastores assembleianos acerca de suas ações durante a pandemia. Desse modo, analisa-se brevemente a pandemia da Covid-19 e o capítulo encerra com uma abordagem sobre o legado e os ensinamentos que ela deixou para a sociedade contemporânea, no tocante a uma atmosfera de mudança e de adequação. Depreende-se, pois, que em tempos de pandemia a realidade da religião consiste em promover o bem-estar das pessoas, e isso não pode ser exercido com negligência em relação à realidade científica, porque colocaria em risco a vida das pessoas. Pretende-se mostrar que a pandemia da Covid-19 abriu espaço para novas propostas, novas condutas e novos paradigmas religiosos na manifestação do fervor religioso pentecostal brasileiro.

3.1 A influência do fervor religioso pentecostal em tempos pandêmicos

A busca pela experiência com o divino é uma redundante no pentecostalismo. A liturgia nas denominações pentecostais pode ser diferente e até mesmo complexa, porém, a busca pelo espiritual é uma variante comum nesse movimento. As narrativas elaboradas nos cultos pentecostais procuram responder aos anseios da religiosidade popular e oferecerem uma expressão mais mistificada e mágica, conseqüentemente, mais emocional, tornando-se geradoras de otimismo, entusiasmo e felicidade que os/as pentecostais traduzem como uma renovação espiritual de vida.

Para objetivar a motivação fervorosa entre os/as pentecostais, recorre-se a alguns textos bíblicos, tais como: “no zelo não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor” (Rm 12, 11). Embutida na liturgia congregacional, está a responsabilidade individual de manter o fervor pentecostal. Nesse universo, Max Weber informa um *status* da religião em satisfazer às necessidades da vida. O autor ainda associa a religião a um fator congregador, que exerce influência sobre as pessoas.¹⁰⁴ Max Weber traduz o fervor religioso como uma fonte inesgotável de realizações. Desse modo, textos, assim como os bíblicos, são usados pelos/as pentecostais para ativar o fervor religioso pentecostal. A revista Veja, em 27 de março de 2017,

¹⁰⁴ WEBER, 1998, p. 279.

publicou uma matéria intitulada: *Ateus e religiosos fervorosos tem menos medo da morte*. Parte-se, agora, para uma análise do poder simbólico da religião na produção do fervor religioso.

3.1.1 O poder simbólico da religião na produção do fervor religioso pentecostal

As experiências vivenciadas em um culto pentecostal, em algum momento, formam um desenho que vai além de um simples exercício litúrgico religioso, constituindo a formação de dois mundos: o da semiótica e o da experiência mística pessoal. Segundo Pierre Bourdieu, a religião é vista como linguagem e, nesse prisma, é produtora de sentido e sistema simbólico de comunicação e de pensamento.¹⁰⁵ Nesse enfoque, os cultos pentecostais com seus rituais, símbolos, costumes e líderes habilitados conquistam adeptos/as e produzem efeitos e respostas plausíveis em um mundo cercado de dificuldades inerentes aos efeitos deletérios da secularização. É justamente nesse contexto social e institucional que o fervor religioso pentecostal se oxigena como resultado do desenvolvimento dos símbolos religiosos na representação do poder da religião. Para Emílio Willems:

A criação de símbolos consiste essencialmente na associação de significados a algo que se pode ver, ouvir, tocar ou cheirar. O acúmulo mais rico de símbolos se encontra no vocabulário de uma língua. Esta capacidade da inteligência humana de criar milhares de associação entre certos objetos e certos sons, particularmente a aceitação espontânea de tais associações pelos membros de uma sociedade, constituem as fundações do universo simbólico em que o homem vive.¹⁰⁶

No pentecostalismo, a ênfase dada à presença de Deus no templo se torna especial para a prática religiosa. Em sua complexidade, o movimento pentecostal fortalece a consistência da fé simbólica, fomenta a experiência mística coletiva e contribui para a compreensão simbólica dos ritos e do lugar, possibilitando experiências individuais na produção e no fortalecimento do fervor religioso. De acordo com Mircea Eliade, “todo o espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado”¹⁰⁷. Ressalta-se que a performance doutrinária e litúrgica é manifestada nos testemunhos individuais, na música e nas narrativas. Em suma, manifesta-se em todo o sistema de um culto pentecostal. Nesse contexto, Mircea Eliade considera que, “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras: há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras [...] espaço onde vivem as crenças, onde os mitos se reatualizam”¹⁰⁸.

¹⁰⁵ BOURDIEU, 2004, p. 167.

¹⁰⁶ WILLEMS, 1966, p. 9.

¹⁰⁷ ELIADE, 2010, p. 35.

¹⁰⁸ ELIADE, 2010, p. 35.

Por conseguinte, os diversos símbolos religiosos vão interagindo nos acontecimentos manifestados nos cultos, dando sentido aos fenômenos e dinamizando o espaço em que se processam essa interação. Isso acontece através dos sentidos, produzindo um fervor nos/as frequentadores/as do templo pentecostal.

3.2 Características místicas do culto pentecostal e a manutenção do fervor religioso pentecostal para atrair pessoas ao templo

Os cultos pentecostais, em sua especificidade, reivindicam a legitimidade das manifestações sobrenaturais divinas, através da participação individual de seus/suas frequentadores/as, possibilitando o testemunho individual em compartilhar com os/as presentes algum bem recebido. Em sua totalidade, isso ocorre no interior de um templo ocorre de modo surpreendente em qualquer situação, permanecendo sempre lotados. Nesse universo, Ricardo Mariano explica o seguinte:

Com exceção das denominações que priorizam o evangelismo de massas e realizam cultos em grandes catedrais, que costumeiramente contam com a presença de clientelas flutuantes, as igrejas pentecostais tendem a formar comunidades religiosas relativamente estáveis e pequenas. Isto é, elas são compostas por congregações e pequenos templos em que todos se conhecem, residem no mesmo bairro e compartilham coletivamente crenças, saberes, práticas, emoções, valores, os mesmos modos e estilos de vida., moralidade e posição de classe.¹⁰⁹

De maneira análoga, o misticismo é a tentativa de uma pessoa chegar até Deus, bem como é uma manifestação transcendental presente em todas as manifestações religiosas, independente da forma e do segmento religioso professado. De forma genérica, as características do caráter místico das religiões têm sua relação mística com os textos sagrados, e o pentecostalismo faz sua leitura a partir do livro de Atos dos Apóstolos, como já mencionado.¹¹⁰

Dessa forma, o pentecostalismo se torna o culto ao Espírito Santo, que é interpretado como o descer do Espírito Santo sobre as pessoas, promovendo uma forte experiência sobrenatural. Nesse recorte, a maioria dos pesquisadores do pentecostalismo atribuem ao movimento uma caracterização emotiva, ratificada pela forte ênfase em suas reuniões ao sensacionalismo e às experiências sensórias.¹¹¹ Na verdade, a multiforme manifestação do movimento pentecostal possibilita um binômio de convergência e divergência em sua prática.

¹⁰⁹ MARIANO, 2010, p. 39.

¹¹⁰ ALENCAR, 2019, p. 83.

¹¹¹ CORTEN, 1996, p. 75.

No que tange à manifestação do Espírito Santo na vida de uma pessoa, o movimento pentecostal se torna convergente. Porém, em sua liturgia, o movimento é um leque de divergência e complexidade em sua forma. Em relação ao fervor religioso pentecostal, os cultos pentecostais possibilitam impressionantes experiências coletivas, porém, não se pode determinar e nem prever a forma e o tempo de duração dessas reuniões. No pentecostalismo, o distanciamento entre o ser humano e Deus deixa de existir, assim como a necessidade de intermediários. Não há, desse modo, uma mediação institucional nem sensorial entre o/a fiel e a divindade. Os santos tão úteis do catolicismo se personificaram.¹¹²

Nesse aspecto, torna-se quase que uma tarefa impossível dimensionar a estrutura de um culto pentecostal, haja vista suas especificidades denominacionais. Todavia, pode-se balizá-lo em seus aspectos gerais como um espaço sagrado de festa, de fraternidade e de interação coletiva do sobrenatural. É justamente nesses espaços físicos, caracterizados como místicos e simbólicos por seus/suas frequentadores/as, que ocorrem as experiências individuais, atribuindo ao lugar um caráter teofânico.

A dimensão dessas experiências individuais num templo é formalizada pela capitalização do lugar como sagrado, em que o divino se manifestou na vida de alguém e lhe proporcionou libertação, transformação, ou onde testemunhou alguma cura. William James afirma que religião pressupõe “sentimentos, atos e experiências do indivíduo humano”¹¹³. Nesse dimensionamento, para um endosso mais significativo, foram entrevistados três pastores da Assembleia de Deus para ilustrar esse argumento sobre o fervor religioso pentecostal, e a frequência aos templos pentecostais nos tempos de pandemia da Covid-19. Abaixo são transcritas as palavras do pastor da igreja Assembleia de Deus (ADCET), em Tomazinho, Rio de Janeiro, acerca da manifestação de Deus no culto pentecostal:

Gostaria de falar de um milagre, em 11 de março de 2020, e no dia 12, que caiu na sexta-feira. A situação era muito caótica quando iniciou a pandemia, decretando o fechamento das igrejas. Chamei minha esposa e um pastor amigo daqui da igreja e disse para minha esposa que Deus queria falar comigo, no monte Horebe, em Mesquita-RJ. Subi e cheguei ao primeiro monte chamado Monte do Conserto. Deixei minha esposa e os outros pastores e subi com meu cajado, cajado que já me acompanha a 12 anos. Cheguei em cima do monte e não vi ninguém, coisa que nunca tinha visto no Monte Horebe, que sempre se encontra cheio. Olhei para o alto e vi um ser, um ser que nunca tinha visto antes. De repente, vi um ser invisível, que nunca tinha visto antes, que não consigo descrever, algo imensurável. Fiquei olhando espantado para ele, e, de repente, ele veio em minha direção, veio vindo em minha direção e, quando se aproximou de mim, mudou sua figura e transformou-se no símbolo da Covid-19. E eu levantei o cajado e foram vindos outros e se transformando no símbolo da Covid-19, até que eu ouvi uma voz que disse para mim, para eu não temer e para que eu não fechasse a igreja. Entendera eu que era a voz do Senhor,

¹¹² CORTEN, 1996, p. 75.

¹¹³ JAMES, 2017, p. 57.

porque me transmitiu paz e a voz do Senhor transmite a paz. E, naquele momento, estava em paz. O senhor disse para minha pessoa que seria comigo e que ninguém da minha família e igreja morreria dessa doença. Honrou-me com todas as letras, muita gente disse que seria preso e muitos diziam que estavam preocupados com as pessoas que estavam. Feri toda a ética, muitos me chamaram de irresponsável. Não obriguei ninguém a vir, mas não fechei a igreja. Pessoas sem máscara, alguns pegaram o vírus, mas ninguém morreu vítima da covid-19. Ouvei muitos que me criticaram, mas ninguém morreu, ouvi pessoas dizendo que a metade das pessoas de sua igreja morreram, porém, em nossa igreja ninguém morreu vítima da Covid-19.¹¹⁴

Nessa entrevista, pode-se observar uma igreja pentecostal em que as celebrações não levaram em conta a severidade da pandemia, e nem se preocuparam com os protocolos sanitários estabelecidos durante a pandemia da Covid-19. Mas, sua performance é somente naquilo que creem e acreditam, ou seja, na ênfase de proporcionar apenas uma satisfação para os/as frequentadores/as em meio à pandemia.

Observe, agora, a segunda entrevista realizada na igreja Assembleia de Deus do Rio de Janeiro (ADRJ), respondeu o seguinte:

Em nossa igreja, tivemos muitos problemas durante a pandemia. Muitas pessoas perderam seus empregos e tivemos que mensalmente atendê-las com o nosso serviço de assistência social. Os nossos cultos foram divididos em horários. Para isso, fizemos um trabalho estrutural, dividindo toda a membresia em grupos e horários, para que todos pudessem vir ao templo, mas, dentro do seu horário. Tudo era controlado cuidadosamente e, periodicamente, os grupos eram colocados seus nomes no WhatsApp para não haver dúvidas quem estaria no templo e o horário estabelecido. Tivemos muitas baixas, devido nossa membresia, em sua maior, residiam nas comunidades ao entorno da igreja que, vale apenas mencioná-las. Comunidade da Mangueira, Arara, Tuití, Barreira do Vasco e Parque da Alegria, onde, nesses locais, o nível de contágio do vírus foi muito alto. Durante a pandemia, a frequência foi maior. O povo estava aflito e assustado com a situação. Em nosso templo, principalmente, os semanais, mais de 1000 pessoas frequentando a igreja. Colocamos pessoas para controlar a entrada do templo e marcamos os lugares que poderiam ser ocupados, mantendo apenas os membros de uma mesma família sentados juntos. A cerimônia mais procurada foi a ceia, mas a dividimos em três ministrações para que todos pudessem participar.¹¹⁵

Como notado, o diferencial entre a primeira e a segunda entrevista se situa justamente na conduta de conscientização e de responsabilidade diante da gravidade da situação em relação ao agrupamento de pessoas em um espaço para realização das reuniões. O fechamento do templo durante a pandemia não afetou a presença dos/as fiéis as reuniões. Como as duas falas acima relatam, o templo continuou cheio de fiéis, mas, estabeleceu-se na segunda entrevista um ponto de equilíbrio e de conscientização. Observe a resposta dada na terceira entrevista:

Eu, pastor Alex Sandro Pereira Rodrigues, presidente da Assembleia de Deus Ministério Ganhadores de Almas, inscrita no CNPJ: 14.200.981/0001-25, em sua entrevista disse que, no período da pandemia, teve alguns problemas concernentes ao

¹¹⁴ Elaboração própria, dados inéditos, 2022.

¹¹⁵ Elaboração própria, dados inéditos, 2022.

fechamento do templo, além do problema que ocorreu com a Covid-19, onde o povo não podia frequentar os cultos presenciais. Alega que começaram a aparecer outros tipos de problemas, como: psicológicos, familiares, financeiros e outros. Onde, mesmo com as portas fechadas, alguns, inclusive eu, fui contaminado pela Covid-19, pois não deixamos de frequentar bancos, supermercados e outros locais que havia necessidade de irmos. Mas, apesar de serem contaminados, muitos, graças a Deus, foram curados, tendo somente um óbito devido a outras complicações de saúde da vítima. Porém, com a demora da abertura dos templos oficialmente pelas autoridades sanitárias e responsáveis, observando que aumentava os problemas em nosso bairro devido ao fechamento da igreja, então, buscamos junto às autoridades locais a reabertura do mesmo com toda a precaução e normas que nos eram estabelecidas pelas autoridades locais (uso de álcool em gel, máscaras, etc.), onde percebemos, num espaço de pouco tempo, que os problemas e inclusive a Covid-19 estava ficando cada vez mais distante de nós e a saúde principalmente emocional e mental estavam cada dia melhor. Portanto, entendemos que temos que tomar todas as precauções, inclusive concernente à saúde, por isso, chegamos a uma conclusão, até mesmo com nossa experiência que passamos, que precisamos cuidar do espiritual, sem se esquecer do corpo e da mente para uma vida melhor.¹¹⁶

As três entrevistas fornecem um pequeno vislumbre da expressão coletiva da fé nos cultos pentecostais, que é manifestada pela busca da pessoa pelo transcendental e mediada pelos elementos sedutores, sensoriais e afetivos. Esses elementos são combinados na produção das sensações pelos/as frequentadores/as, ao experimentarem o melhor do mundo material com o mundo etéreo. Ou seja, eles/as fecham os olhos para a realidade compreensiva para serem absorvidos/as pela realidade abstrata. Nesse sentido, o fervor religioso pentecostal transforma o templo em um local central para o pentecostalismo, ou melhor, no palco de realização dos complexos rituais e das manifestações místicas sensoriais. Consecutivamente, observa-se em cada culto pentecostal que a ambiência provocada pelo fervor religioso presente nessas reuniões ressignifica e revitaliza a renovação constante dos locais de reuniões, oxigenam as cerimônias cultuais e motiva as pessoas a estarem sempre presentes nas reuniões. Nas palavras de Alexandre Souza, “a relação entre o ser pentecostal e Deus transcende os limites da adoração. Nessa ascendência de espiritualidade, o religioso não é apenas um adorador suplicante, ele crê que tem à sua disposição a suprema grandeza do poder de Deus”¹¹⁷.

3.2.1 Principais elementos do culto pentecostal na produção do fervor religioso pentecostal

A liturgia pentecostal é muito diversificada, mas, de modo geral, tratando-se da igreja Assembleia de Deus, as narrativas estão sempre presentes no testemunho das conversões e nas narrativas de alguma experiência sobrenatural recebida. Na realidade, todos os cultos

¹¹⁶ Elaboração própria, dados inéditos, 2022.

¹¹⁷ SOUZA, Alexandre C. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai? Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004. p. 26.

pentecostais têm sido transformados em uma experiência ritualística terapêutica e fascinante, que ligam o nexos causal aos agentes produtores do ato. Nesse aspecto, pode-se relacionar três agentes causadores dos significados fenomenológicos dos cultos pentecostais, os quais serão apresentados a seguir.

3.2.1.1 A oralidade

No âmbito pentecostal, Gedeon de Alencar pontua que a ação de dar testemunho faz parte da natureza desse grupo.¹¹⁸ Para o autor, os testemunhos individuais nos cultos, geralmente, são testemunhos de experiências pessoais vivenciadas pelos/as frequentadores/as. Essas narrativas permitem que os/as ouvintes compartilhem as experiências vivenciadas em um ritual terapêutico, produzindo um nexos causal de transformação, de estabilidade e de fortalecimento para o enfrentamento de possíveis situações de conflito. Como se pressupõe, as pessoas, em um culto pentecostal, têm voz, diferentemente de outros seguimentos protestantes, principalmente os históricos, em que os/as frequentadores/as têm oportunidade de se expressarem, não falando sobre si, mas, se expressarem sobre alguém que os consideram maior do que todos os seres humanos. A segunda lente de observação, é a leitura e a memorização da Bíblia pelos pentecostais. David de Oliveira argumenta o seguinte:

A leitura bíblica adquiriu um efeito poderoso nas comunidades pentecostais. Ler a Bíblia completa e sequencialmente, de Genesis a Apocalipse, tornou-se um alvo almejado e sinônimo de espiritualidade sadia. Contudo, se o fiel não pudesse ler por alguma razão, ao menos o cânon dentro do cânon, teria que dominar e até decorar trechos para recitação. Essa é outra forma do texto ganhar vida na perspectiva do fiel, criando uma relação pessoal direta. Talvez, por isso, sejam tão valorizadas as citações de textos bíblicos (memorizadas) durante às celebrações, especialmente na pregação, em que se faz intenso uso de citações diretas de textos bíblicos.

A seguir, abordar outro importante agente causador de significados nos cultos pentecostais, a música.

3.2.1.2 A música

A música tem se tornado uma característica forte no pentecostalismo assembleiano, e ela tem um lugar de destaque em todas as reuniões pentecostais. Os cultos, do início ao fim, são intercalados com louvores congregacionais, individuais e grupos menores, indo de cânticos

¹¹⁸ ALENCAR, 2019, p. 306.

catalogados no hinário oficial das igrejas Assembleias de Deus até a harpa cristã, que se tornou, no decorrer dos anos, uma das marcas da matriz pentecostal brasileira.¹¹⁹ Até os famosos *corinhos de fogo* podem ser incluídos nesse rol. Para Antônio Mendonça, a música é uma das manifestações do movimento pentecostal.¹²⁰ O fervor religioso é marcado em cada reunião musicalizada em uma demonstração de fé por todos os presentes. Segundo André Corten:

O culto pentecostal apresenta-se como uma alternância de cantos e palavras (preces, lamentações, pregações, bênçãos, coleta, informações). Os cantos são acompanhados de instrumentos diversos, o que os distingue das Igrejas tradicionais em que o único instrumento era o órgão ou o harmônico. Entre esses instrumentos, o violão, a guitarra, o tambor, o bandolim e cada vez mais também o sintetizador.¹²¹

André Corten pontua que o canto, quando prolongado, produz uma elevação do clima emocional.¹²² Maria Prioli considera que a música é a arte de exprimir sentimentos através do som.¹²³ A força da influência exercida pelo fervor religioso no ser humano, em um culto pentecostal, é determinante para produzir o efeito sonoro num culto. Na medida em que os/as frequentadores/as de um culto são absorvidos no fervor religioso pentecostal, o louvor vai exprimindo sentimentos e emoções que são traduzidas em aplausos, choros e gestos com o corpo.

O pentecostalismo se caracteriza pela importância dada à emoção.¹²⁴ Outras coisas interessantes que deve ser lembrada é o nivelamento que é provocado nessa hora. A música imbuída do fervor religioso pentecostal, na hora de sua execução, é congregacionalmente cantada por todas as pessoas presentes, “em um coro de alegria e poder de Deus”¹²⁵.

Em determinado momento, a expressão fácil e o comportamento esboçado os caracterizam como pessoas místicas, produzindo um ambiente em que as pessoas das mais diferentes camadas sociais, lugares, situação econômica, faixa etária e cor da pele se unem em um momento de êxtase individual e coletivo. Visivelmente, parece que os sofrimentos da vida são absorvidos pela mística do lugar à luz da poesia das canções executadas. Nesse enquadramento, os/as membros/as da igreja Assembleia de Deus, com seus hinos, principalmente os da Harpa Cristã, fazem parte do fervor religioso. Gedeon de Alencar pontua

¹¹⁹ ALENCAR, 2019, p. 217.

¹²⁰ MENDONÇA, 2008, p. 27.

¹²¹ CORTEN, 1996, p. 60.

¹²² CORTEN, 1996, p. 60.

¹²³ PRIOLLI, Maria L. *Princípios básicos da música para juventude*. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Música, 1999. p. 6.

¹²⁴ CORTEN, 1996, p. 63.

¹²⁵ PRIOLLI, 1999, p. 11.

que “faz parte da natureza assembleiana situar sua vida a partir dos números dos hinos: ‘aceite Jesus quando ouvi o 330’; ‘no meu batismo cantaram o 412’”¹²⁶.

Nesse cenário, a música ocupa um lugar todo especial nas reuniões e agasalha a relação da experiência carismática dos/as fiéis. Como já apontado acima, não se pode deixar de ressaltar os chamados *corinhos de fogo*, que, em sua maior parte, são uma simbiose de ritmos populares, cultura e teologia pentecostal, com nuances e metáforas que provocam uma espécie de satisfação, fervor e realização de quem os canta. Por exemplo, um corinho de fogo exprime: “pode vir o olho grande, *fogo nele!* Obra de macumba, *fogo nele!* Oração de feitiço, fogo nele! Obra de inveja, *fogo nele!* Pode vir o que for que o meu Deus é maior!”¹²⁷ [grifo nosso].

Como visto, lexicalmente, os vocábulos usados para compor a poesia do corinho de fogo acima, retratam o fervor religioso pentecostal demonstra a crença na interferência do sobrenatural nas obras contrárias do poder do mal. Essa dualidade de mundos entre o bem e o mal é visivelmente identificada em sua composição. O Instituto de Psicologia da USP realizou uma pesquisa em igrejas pentecostais de São Paulo, numa abordagem psicossocial do êxtase e do transe, demonstrando que a música é mobilizadora de emoções.¹²⁸ Segue-se, agora, para uma análise da oração enquanto agente gerador de significados nos cultos pentecostais.

3.2.1.3 A oração

Em um culto pentecostal, a oração é a primeira coisa a ser feita. Elas são realizadas desde o momento inicial de um culto pentecostal, individualmente pelos/as frequentadores/as quando chegam ao templo, pelo pastor ou lideranças nos momentos de culto. Em geral, as orações são chamadas de *correntes* que, potencialmente, seguem as demandas apresentadas em um culto e o finalizam. Os cultos pentecostais são temáticos e, segundo a observação dos temas propostos, as orações são realizadas dentro dessa perspectiva, no intuito de fomentar o fervor religioso nas pessoas presentes.

A produção do fervor religioso pentecostal é manifestada através das orações coletivas ou individuais da performance de um culto, que permite avaliar a dimensão da fé de seus/suas frequentadores/as. O pentecostalismo atribui sua gênese no momento bíblico em que todos

¹²⁶ ALENCAR, 2019, p. 218.

¹²⁷ LETRAS [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

¹²⁸ Para mais informações, consultar: SANTOS, Valdevino R. Música e êxtase pentecostal. In: CRIACIONISMO [Site institucional]. 04 fev. 2009. [online]. [n.p.].

estavam reunidos em oração.¹²⁹ Ou seja, a oração faz parte de sua atmosfera espiritual para manter o fervor religioso. Esse é o ponto nevrálgico do movimento pentecostal, que é normatizado pelo batismo com o Espírito Santo, seus desdobramentos históricos e as manifestações sobrenaturais. Assim, o pentecostalismo se caracteriza pela busca de experiências espirituais, norteadas pela oração coletiva ou individual. André Corten considera que:

O fiel que assiste a um culto sai carregado de ‘um acontecimento’. Da mesma maneira como quando se sai de uma peça de teatro. O fiel sai não com a única satisfação do dever cumprido, mas com a impressão de ter assistido/participado de um acontecimento. No culto pode se produzir um acontecimento. Este acontecimento é puramente elocutório, não tem nenhum conteúdo. Da mesma maneira com que são lançadas essas interjeições – num contexto de resto regrado (convencional) – produz-se um acontecimento emocional.¹³⁰

Na sequência, analisa-se a frequência ao templo pentecostal como uma espécie de antídoto psicológico no contexto da pandemia da Covid-19, no Brasil.

3.3 A frequência ao templo pentecostal como um antídoto psicológico em meio à pandemia do novo coronavírus no Brasil

No decorrer da existência humana, a religião tem se posicionado de forma preponderante na solução de problemas e na saúde mental das civilizações. Por isso, reconhece-se e entende-se que a religião, em todas as gerações, foi e sempre será importante na existência humana. Não é algo novo falar que a religião contribui para o prolongamento da vida e a torna uma vivência saudável, haja vista as conturbações e as complexidades da vida. Muitas religiões possuem verdadeiras regras profilaxias em seu arcabouço doutrinário, no propósito de evitar as doenças e prolongar a vida.

Na Bíblia, registra-se que o servir a Deus tem como resultado a retirada das enfermidades: “servireis ao Senhor, vosso Deus, e ele abençoará o vosso pão e a vossa água; e tirará do vosso meio as enfermidades” (Ex 23, 25). G. Jarvis e H. Northcott revelam que a taxa de mortalidade é menor entre as comunidades evangélicas,¹³¹ devido ao fervor religioso que as conduzem. Entretanto, não se pode esquecer que a religião é um fenômeno paradoxal: sara, mas, ao mesmo tempo, pode causar feridas profundas e até mesmo levar à morte.

¹²⁹ FAJARDO, Maxwell. “Onde a luta se travar”: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Prisma, 2017. p. 62.

¹³⁰ CORTEN, 1996, p. 62.

¹³¹ JARVIS, G. K.; NORTHCOTT, H. C. Religion and differences in morbidity and mortality. *Journal Social Science and Medicine*, [s.l.], v. 25, n. 7, p. 813-824, 1987. p. 817.

Nessa ótica, discorre-se brevemente sobre o discurso pentecostal e o fervor religioso no enfrentamento da Covid-19.

3.3.1 Discurso pentecostal e fervor religioso no enfrentamento da Covid-19

Segundo Fábio Marton, o discurso pentecostal é fundamentalista.¹³² Entretanto, na prática, tem-se assistido no pentecostalismo contemporâneo um viés mais flexível que vai se adaptando em seu discurso e na prática. Logicamente, isso está de acordo com as demandas existentes nas comunidades locais, em virtude dos princípios doutrinários que, no passado, eram exacerbados. Hoje, pode-se identificar uma transmutação de regras inflexíveis, que são tornadas como liberais e praticáveis, no propósito de uma assimilação mais simples e no intuito de facilitar um número maior de frequência aos templos.

Um exemplo disso são as igrejas Assembleia de Deus – referencial de observação desta pesquisa. No Brasil, nunca existiu uma Assembleia de Deus, e sim Assembleias de Deus, no plural. Existem muitos assembleianos e diversas Assembleias de Deus no território nacional, com efeito, pode-se falar em assembleianismos.¹³³ Gedeon de Alencar esboça quatro tipos de assembleianismos, que serão explicados na sequência.

O primeiro é o assembleianismo rural, que conserva o *ethos* rural em sua mentalidade herdada do misticismo católico, repassando uma hierofania entorno dos objetos considerados como sagrados e detentores de revelações.¹³⁴ Nesse modelo, a autoridade máxima é o líder religioso que se apresenta como *homem de Deus*, tendo, portanto, a palavra final. O segundo tipo é o assembleianismo urbano, em que a tônica não é a diversificação litúrgica, mas a multiplicidade de igrejas. Trata-se de uma característica puramente quantitativa e administrativa.¹³⁵

O terceiro é o assembleianismo autônomo que, em sua existência, conserva apenas o termo assembleia e, contextualmente, as raízes históricas de modo indelével são observadas em sua estrutura. Contudo, a autonomização administrativa e litúrgica favorece uma emancipação e a afluência de formas complexas, folclóricas e radicais em termos doutrinários e culturais. O quarto e último tipo é o assembleianismo difuso, no que diz respeito a sua prolixidade e

¹³² MARTON, Fábio. Porque os evangélicos fundamentalista usam Jesus para justificar a brutalidade militar. In: THE INTERCEPT BRASIL [Site institucional]. 16 out. 2020. [online]. [n.p.].

¹³³ ALENCAR, 2019, p. 89.

¹³⁴ ALENCAR, 2019, p. 90-98.

¹³⁵ ALENCAR, 2019, p. 90-98.

disseminação irregular em todo território nacional, impactando as demais denominações evangélicas e provocando uma resposta sadia ou reprovável.¹³⁶

Nesse ponto, pretende-se dar um enfoque ao fervor religioso presente em todas as igrejas Assembleias de Deus, independentemente das formas como é apresentada cada congregação assembleiana. Conforme Alexandre Souza, “o vácuo religioso ocupado pelo pentecostalismo está relacionado à atribuição de um sentido mágico para a vida, ou seja, uma vida que acontece no mundo sob o controle do Espírito de Deus”¹³⁷.

Esse pensamento reina nas comunidades pentecostais, atribuindo um poder mágico para a religião, vulnerabilizando as condições individuais em relação aos conceitos profílicos, sociais e políticos. O fervor religioso possibilita uma robustez física e emocional que, na realidade, não existe. Segundo André Corten, a proposta teológica do pentecostalismo é a satisfação emocional, caracterizada pelo júbilo e pelo entusiasmo em seus cultos de libertação, cura divina e outros.¹³⁸

O trabalho do pentecostalismo está justamente na concentração de suas ações no ser humano. Em termos mais genéricos, trata-se de um ser carente, fragilizado pelas ideologias e em seu anseio pela afirmação, reconhecimento e necessidade de ser ouvido. Como já exposto acima, a frequência aos templos pentecostais possibilita essa satisfação em face do fervor reinante, resultante do encontro do céu e a terra possível nesses locais, otimizando-os como um espaço vital para essa interação.

Na realidade, essa consciência pentecostal torna seu discurso muito perigoso em relação aos encontros sociais, criando uma retórica ineficaz, sem fundamento e irresponsável. Não é de se estranhar que a maior parte do discurso pentecostal estabelece uma narrativa de milagres, fornecendo subsídios que fortalecem o fervor religioso com a possibilidade de enfrentar os problemas da vida que, em potencial, afetam a saúde das pessoas. Em contrapartida, a performance saudável sempre foi o interesse pessoal em todas as épocas. Saúde pública, em geral, é a pauta de todos os governos.

O pentecostalismo assevera em sua homilia a relação do ser humano com o sobrenatural, buscando a realização de seus propósitos em resposta ao seu fervor, através da frequência aos chamados cultos de cura divina, em que existe a crença que Deus cura qualquer enfermidade. Nesse prisma, o fervor religioso impulsiona a pessoa para frequentar um culto na esperança de obter a cura de sua enfermidade. Como exposto acima, as igrejas Assembleias de Deus, em sua

¹³⁶ ALENCAR, 2019, p. 90-98.

¹³⁷ SOUZA, 2004, p. 30.

¹³⁸ CORTEN, 1996, p. 60.

proposta pentecostal, em maior parte, alimentam esse pensamento, promovendo cultos específicos de libertação, de cura divina e de vitória sobre todas as coisas, influenciado muitos/as de seus/suas seguidores/as.

Analisa-se, agora, a relação entre a pandemia da Covid-19 com o fervor religioso pentecostal.

3.3.2 A pandemia e o fervor religioso pentecostal

Todas as pessoas, independentemente de religiosas ou não, foram impactadas pela pandemia da Covid-19, a partir de 2019. Nesta geração, não se teve nenhuma experiência desse tipo. Nos anais da história, a gripe espanhola, em 1918, matou aproximadamente 100 milhões de pessoas. Os primeiros casos de coronavírus foram divulgados através da Organização Mundial da Saúde (OMS), que foi informada da existência de diversos casos de pneumonia, sem uma causa diagnosticada, em Wuhan, uma cidade do distrito de Hubei, na China.

Aproximadamente, no dia 7 de janeiro de 2020, os/as pesquisadores/as identificaram o agente promotor da doença. A velocidade de propagação e contágio, em todos os lugares do mundo, fez com que a OMS classificasse a Covid-19 como uma pandemia. Assim como a gripe espanhola, em 1918, A Covid-19 foi uma pandemia devastadora que teve 630.452.398 de infectados, e 6.590.206 de mortes.¹³⁹

Não somente a religião, mas todos os setores e atores da sociedade não estavam preparados para esse tipo de desafio que abalou as estruturas governamentais e sociais no mundo inteiro. Nesse ambiente de perplexidade, as dúvidas e as ameaças de infecção pelo novo coronavírus semearam no coração fértil das pessoas o medo e a ansiedade. De acordo com Emílio Willems, “no estudo empírico das sociedades humanas, a única realidade imediata, acessível ao observador é o comportamento individual”¹⁴⁰.

Nesse ínterim, o discurso pentecostal fomentou um fervor religioso que alimentou a antiga ideia de que o diabo e Deus estão bem próximos das pessoas. A questão maior é a apropriação da presença de Deus pelo instrumento chamado fé, que possibilita o triunfo sobre as forças do mal, o diabo. As igrejas Assembleias de Deus, como um pentecostalismo clássico, apesar de os assembleianismos da classificação de Gedeon de Alencar, mantêm o seu DNA primitivo, fundado por William Seymour, ou seja, buscam a inspiração na Bíblia para enfatizar a possibilidade da obtenção de um milagre através da fé. Essa postura, na experiência

¹³⁹ CDCP [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

¹⁴⁰ WILLEMS, 1966, p. 21.

pentecostal, torna-se catalizadora motivacional para cimentar a necessidade de as pessoas estarem presentes em um culto.

Gedeon de Alencar considera que a religião, em geral e presumivelmente, legalizava-se a partir do divino, de um poder sobrenatural e transcendente e, em tese, permanece ainda hoje assim.¹⁴¹ Necessariamente, a religião, em tempos de pandemia, sempre teve uma resposta de esperança às ameaças de morte e ao caos reinante na atmosfera da existência humana. Max Weber expõe que as ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da terra.¹⁴²

Leonardo Boff argumenta que a religião possibilita a prática da espiritualidade que a torna como uma válvula de escape e de superação ao cenário caótico.¹⁴³ Ou seja, a religião se torna uma catapulta de superação ao vácuo existencial provocado pelo caos das crises periódicas na vida do ser humano. O fervor pentecostal religioso vivido, motivado, reavivado e sustentado pelo pentecostalismo em seus cultos provoca, em cada frequentador/a, uma dependência em relação ao local frequentado, como se somente nele poderia receber algum benefício pessoal.

Na visão de André Corten, a frequência a um culto pentecostal possibilita uma experiência carismática que assume proporções enigmáticas que legitimam a crença e, ao mesmo tempo, suavizam os sofrimentos. Segundo ele, “o fiel sai carregado de um acontecimento”¹⁴⁴. O fervor religioso pentecostal experimentado pelos/as frequentadores/as não somente transforma os templos de culto em lugares sagrados, mas, também, em lugares seguros. Observe:

A espiritualidade pentecostal, com ênfase nos sentimentos e emoções plenos de arroubos, extáticos, não abre mão de uma racionalidade da fé que possa dar ao crente instrumentos operativos para ordenar e manter sob controle sua relação cotidiana com o sagrado. As experiências místicas são vistas aqui como um atestado de idoneidade religiosa que garante ao fiel o direito de esperar e receber na vida diária as bênçãos de Deus.¹⁴⁵

Max Weber ressalta que o fervor religioso transforma o lugar de culto num lugar de possibilidades inesgotáveis. Mircea Eliade entende que as hierofanias, isto é, a manifestação do sagrado, podem acontecer das mais diferentes formas e nos mais diferentes lugares.¹⁴⁶ Daí

¹⁴¹ ALENCAR, 2019, p. 76.

¹⁴² WEBER, 1998, p. 279.

¹⁴³ BOFF, Leonardo. *Reflexões de um velho teólogo e pensador*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 29.

¹⁴⁴ CORTEN, 1996, p. 62.

¹⁴⁵ ABUMANSUR, 2004, p. 94.

¹⁴⁶ ELIADE, 2010, p. 25-28.

emerge uma pergunta-reflexão: como dissociar essa realidade experimental dos/as frequentadores/as fervorosos/as na dinâmica do discurso pentecostal?

Em potencial, a pandemia da Covid-19 trouxe uma desorganização social inimaginável. A confusão tomou conta da mente dos seres humanos, trazendo medo, tristeza, desespero e a dor do luto da morte precoce de familiares, parentes e amigos que, em certo momento, o encerramento da existência de famílias inteiras provocado pelas mortes, através do contato individual ou coletivo de milhões de pessoas infectadas com o vírus da Covid-19. Nesse cenário assustador e fúnebre, muitas pessoas não tiveram a oportunidade de dar um adeus final àqueles/as que, em um período de sua existência, conviveram juntas por muitos anos.

A passagem da pandemia da Covid-19 não somente afetou a vida humana, mas desequilibrou todos os setores da sociedade, colocando-os em conflito. Medidas intransigentes e radicais foram tomadas, no sentido de conter a pandemia, mas isso gerou certa insatisfação popular e alteração no curso normal de alguns setores da sociedade. Em meio a esse conjugar de situações, ações e reações foram deflagradas. Muitas delas foram classificadas como antissociais e arbitrárias, por exemplo: o fechamento dos templos religiosos no Brasil, algo inédito na história religiosa brasileira e sustentado constitucionalmente num país laico.

Segundo a Constituição vigente, em seu art. 5º, inciso VI, “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”¹⁴⁷. Muitas discussões no meio religioso, evangélico e, principalmente, na vertente pentecostal foram levantadas, no sentido de coibir essa determinação promulgada pelos mandatários dos municípios brasileiros, que o Poder Judiciário outorgou.

A relevância do assunto chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF), e coube ao ministro Kassio Nunes Marques decidir sobre esta pauta:

A proibição categórica de cultos não ocorre sequer em estados de defesa ou estado de sítio. Como poderia ocorrer por atos administrativos locais? Certo, as questões sanitárias são importantes e devem ser observadas, mas, para tanto, não se pode fazer tábua rasa da Constituição.¹⁴⁸

Vale apenas salientar que a tríade do discurso pentecostal é formada pela doutrina dos dons espirituais, pelo exorcismo de demônios e pela chamada teologia da prosperidade. Em relação às igrejas Assembleias de Deus, elas têm como ênfase fundamental a manifestação dos

¹⁴⁷ BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República. [online]. [n.p.].

¹⁴⁸ Saiba mais em: STF [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

dons espirituais descritos na Bíblia, no livro de I Coríntios 11. Na prática, os/as assembleianos/as enfatizam a profecia e a cura divina como ações fundamentais do Espírito Santo na vida de uma pessoa. Dessa maneira, o fervor religioso pentecostal influencia a frequência dessas pessoas no templo, no intuito de receber uma palavra profética e receber alguma operação sobrenatural em sua vida.

Esse entendimento pulsou forte durante o desenvolvimento da pandemia da Covid-19 no Brasil entre os pentecostais, fortalecendo o fervor religioso e esgarçando a necessidade da frequência aos cultos numa demonstração de fé em relação aos princípios doutrinários da fé pentecostal. Na realidade, diante da massificação dos acontecimentos da pandemia do novo coronavírus se relacionam aos recursos sanitários, ao uso de máscaras, à limitação das pessoas em público evitando aglomeração, ao isolamento das pessoas, às carências econômicas devido ao desemprego em massa e à saturação do sistema de saúde pública.

Em potencial, criou-se um caos no sistema hospitalar, evidenciado pela carência de insumos, de respiradores e pelas dificuldades para sepultar as centenas de corpos vitimados pelo vírus. Naturalmente, sem precedentes, surgiu um terceiro inimigo invisível, mas com grande potencial. Assim como o potencial de disseminação e mutação do vírus, foram os problemas psicológicos gerados pelo pânico, pelo medo e pelas incertezas. Nesse contexto, os oportunismos e as irresponsabilidades de políticos, líderes religiosos e governantes foram evidenciar nas críticas em relação às ações humanitárias e às decisões judiciais, através de narrativas ineficazes e descabidas.

Soma-se a essa catástrofe a decisão de pastores que reivindicaram a abertura dos templos para a realização de cultos evangélicos e outras atividades religiosas. Segundo alguns infectologistas, a capacidade de contágio do vírus é maior em grandes aglomerações, tais como, festas e cultos religiosos, que se tornaram ambientes potenciais para a transmissão do novo coronavírus. Todavia, no momento da pandemia, surgiu como represália ao *lockdown* uma discussão a respeito das aglomerações nos supermercados e nos transportes públicos, que não foram submetidos às deliberações jurídicas, impossibilitando-os de funcionarem normalmente. As manifestações populares foram vistas em vários lugares, promovendo teorias da conspiração em relação às contramedidas sanitárias, vacinas e o distanciamento social.

Segundo o entendimento de especialistas, a decisão do ministro Kassio Nunes Marques foi dada no pior momento da pandemia, porém, foi uma decisão apenas de caráter provisório. Contudo, ela motivou muitos pastores a abrirem as portas de seus templos religiosos, atribuindo o vírus a uma conspiração contra a liberdade religiosa, um sinal do domínio da população

mundial e um sistema satânico para subverter a fé dos/as cristãos/ãs para parar o avanço da igreja.

Alguns pastores, de maneira irresponsável, chegaram a ter uma posição negacionista, colocando em risco a vida de seus/suas seguidores/as. Em contrapartida, a pandemia revitalizou um binômio muito importante na sociedade, que é a relação entre religião e saúde, um debate antigo, vasto em bibliografias e palco de pesquisas científicas que abrangem as duas vertentes preponderantes na sociedade. De um lado, os sistemas de saúde pública na UTI e, de outro, a espiritualização das doenças por parte das religiões, formulando seus sistemas próprios de tratamento e cura. Ivone Gebara argumenta que:

A pandemia atual mostra-nos cada vez mais o esgarçamento do tecido humano. Sentimo-nos perdidos, vivendo um instante instável, incapazes de prever o amanhã mais remoto. É como se fôssemos simbolicamente a árvore humana que começou a cortar seus próprios galhos, a impedir que os rios que serpenteiam o terreno onde a árvore está plantada continuassem por perto irrigando-a.¹⁴⁹

Entretanto, nesse tempo de pandemia, muitas interrogações ficaram sem respostas e serviram de terreno para implantação de mudanças significativas na sociedade, colocando as pessoas em uma situação de impotência e desconhecimento. Esse desenho cria uma motivação individual nos seres humanos de buscar solução em credos, religiões e em alguma prática ritualística. Segundo Ivone Gebara, “embora muitas vezes acreditemos no poder da ciência de responder a quase todas as questões da humanidade, frustra-nos constatar que o que se desconhece é muito mais do que o que se conhece”¹⁵⁰.

No pentecostalismo, o fervor religioso pentecostal revitaliza a crença na intervenção sobrenatural na vida das pessoas, através do poder do Espírito Santo. Na teologia pentecostal clássica, em especial nas Assembleias de Deus, ensina-se que não se pode definir o agir do Espírito Santo, ou seja, ele opera de várias maneiras na vida de cada pessoa, revestindo-lhe de poder. Nesse pensamento, Ivone Gebara afirma que as pessoas esperam que a religião entregue a segurança de que se necessita, na certeza de que Deus não abandonou seu povo. A pandemia trouxe o medo, a desconfiança, o isolamento e as incertezas no enfrentamento do vírus e, diante disso, os traumas psicológicos na vida das pessoas.¹⁵¹

O contexto do campo religioso brasileiro é sincretista. Em conta disso, necessariamente, esse contexto é marcado na experiência de cada pessoa, em sua vida de devoção a uma

¹⁴⁹ ABUMANSUR, 2004, p. 94.

¹⁵⁰ GEBARA, Ivone. Religião e a pandemia Covid-19. In: INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS [Site institucional]. 23 jun. 2020. [online]. [n.p.].

¹⁵¹ GEBARA, 2020, [n.p.].

divindade e na frequência de uma determinada reunião em templo, classificado como sagrado. Expressa-se, assim, uma prática religiosa, independentemente do credo ou religião. Diante dessa realidade cultural e religiosa, várias atitudes foram observadas no contexto pentecostal, imbuídas pelo fervor religioso pentecostal de estar presente em um culto para receber o poder do Espírito Santo para vencer as variabilidades cruéis e fatais da Covid-19.

Resta, agora, analisar o fervor religioso em relação à quebra de paradigmas na frequência aos templos pentecostais no período pandêmico.

3.3.3 O fervor religioso e a quebra do paradigma da frequência aos templos pentecostais em tempos de pandemia

Segundo Gedeon de Alencar, a construção da identidade das igrejas Assembleias de Deus foi observada a partir de seis elementos: mídia, ministérios, convenções, educação teológica, relações de gêneros e templos. Nesta pesquisa, considera-se os templos que, no pensamento de Gedeon de Alencar, subdividem-se em três aspectos: templos – casa; templos – pensão; e templos – *shopping*.¹⁵²

A taxonomia de Gedeon de Alencar é apenas tropológica, no sentido de caracterizar os desdobramentos internos e externos que as igrejas Assembleias de Deus apresentam em sua história, desde seu início, em 1911, despontando-se como a vertente majoritária do movimento pentecostal no Brasil. Em tese, o crescimento acelerado das igrejas Assembleias de Deus no Brasil traduz a importância que o pentecostalismo atribui à frequência aos templos como um lugar especial para a realização de suas reuniões. Isso possibilita a materialização dos princípios, da liturgia e da doutrina dessa igreja.

Na visão assembleiana de templo, não existe uma forma arquitetônica definida ou um arquétipo modelador. Todavia, o que existe no pentecostalismo é a valorização do lugar de reunião que é chamado de templo. No livro de Atos dos Apóstolos 2, 1, lê-se o seguinte: “cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam reunidos todos no mesmo lugar”. Historicamente, todas as vertentes pentecostais se baseiam nessa asseveração bíblica. Esse lugar, em termos geográficos, era o templo de Jerusalém, centro das atividades religiosas e culturais do judaísmo antigo. Entretanto, em Atos 2, passa a ser a gênese do pentecostalismo e sintetiza a necessidade de um lugar para expressar coletivamente a devoção a Deus, isto é, estabelecer uma comunicação com o sobrenatural, o compartilhamento de relacionamentos e a performance do

¹⁵² ALENCAR, 2019, p. 41.

pentecostalismo que tem como condicionante o fervor religioso pentecostal, que é esboçado em diversas atividades e manifestações individuais e coletivas, possibilitando uma abundância de sutilização e aprimoramento da religião.

Alexandre Souza entende que “o crente pentecostal, antes de buscar uma compreensão do que Deus é, aprende acerca do que Deus faz”¹⁵³. Deve-se destacar que as igrejas pentecostais, em sua maioria, fortalecem esse viés em relação aos procedimentos que deveriam adotar nesse momento impensado da pandemia. Por isso, vários conflitos, atitudes irresponsáveis e perigos foram adotados por muitos líderes religiosos em sua luta para abrir as portas dos templos, colocando em risco a vida das pessoas. Em contrapartida, a existência da pandemia abriu uma porta de reflexão, de criatividade e de adaptabilidade em confronto às mudanças e à postura da sociedade frente aos perigos, às incertezas e ao caos provocado pela Covid-19. Segundo Boaventura de Souza Santos:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.¹⁵⁴

A consciência religiosa pentecostal é formada por conceitos doutrinários extraídos da Bíblia que dão ênfase especial à experiência direta e pessoal de Deus através do batismo no Espírito Santo, em paralelo ao exercício dos dons espirituais. Essa interpretação forma paradigmas que norteiam a vida dos/as frequentadores/as numa combinação com os elementos simbólicos e o intenso ambiente emocional, fomentado pelo sensacionalismo de líderes carismáticos, criando formas de participação individual e servindo como catalizador ao fervor religioso pentecostal.

Essa atmosfera reinante em um culto pentecostal, como já esboçado anteriormente, impulsiona a frequência aos templos no intuito de receber alguma coisa ou uma simples presença convencional como atitude de fé e fidelidade. Para Alexandre de Souza, “a noção de sagrado no pentecostalismo é construída, fundamentalmente, em função do tipo de relação que o fiel pentecostal mantém com Deus”¹⁵⁵.

De acordo com Émile Durkheim, a religião se ocupa da “ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento, o sobrenatural, o mundo do mistério, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de

¹⁵³ SOUZA, 2004, p. 28.

¹⁵⁴ SOUSA, 2020, p. 11.

¹⁵⁵ SOUZA, 2014, p. 26.

maneira mais geral, ao pensamento claro”¹⁵⁶. Em certo sentido, alguns paradigmas foram quebrados durante a pandemia. A título de exemplo, o cerceamento dos parentes em participar do sepultamento de seus mortos. Nesse enquadramento, uma profunda reflexão deveria permear a mente das lideranças religiosas, em especial os pentecostais.

Em geral, três atitudes surgiram em meio a pandemia. A primeira foi a negação da existência do vírus, em que os negacionistas defendiam que a Covid-19 era uma estratégia de dominação mundial. Eles usavam as expressões: use máscara e fique em casa como prova dessa verdade. A segunda era a reducionista, em que criam que somente Deus poderia resolver a situação, e que o vírus era um castigo de Deus para uma humanidade pecadora. Lamentavelmente, essas duas posturas foram o comportamento da maioria dos pastores pentecostais. A terceira foi a postura equilibrada e conscienciosa, no sentido de obedecer aos protocolos das autoridades sanitárias e as determinações governamentais. Sob a dinâmica do espaço religioso, os templos, o negacionismo e o reducionismo tiveram um terreno fértil para germinar, pelo fato de os templos serem locais em que seus/suas frequentadores/as adotaram uma ideia de confiabilidade em tudo que se prega, se experimenta e se vive.¹⁵⁷

A pandemia trouxe muitos problemas em ordem de abrangência e de força letal do vírus, mormente os de ordem psicológica. Em todas as regiões do planeta, as pessoas gastam milhões de dólares visitando seus terapeutas, conversando sobre todos os seus problemas para tentar aliviar o estresse e as preocupações da vida. Em tempos de pandemia, os líderes religiosos reivindicaram a abertura dos templos como um refúgio, e suas reuniões como um antídoto psicológico para suavizar a mente dos/as frequentadores/as em relação aos efeitos deletérios mentais que a pandemia trouxe.

Entretanto, diante da excepcionalidade do momento, o *modus operandi* da igreja precisou ser mudado. Algumas alternativas foram veiculadas para as atividades normais da igreja em adequação à gravidade do momento, e, com isso, alguns paradigmas foram quebrados no sentido de descentralizar o templo como o cerne, como a medula da interação do sobrenatural com o natural. A pandemia da Covid-19 trouxe ao interior da igreja uma revisão de conceitos e a inserção do mundo tecnológico e cibernético, revolucionando e impactando os modelos tradicionais de exercício da religiosidade e mantimento do fervor religioso pentecostal.¹⁵⁸

¹⁵⁶ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 67.

¹⁵⁷ PORRECA, 2020, p. 231-234.

¹⁵⁸ PORRECA, Wladimir. As religiões e a COVID-19: enfrentamento e adaptações. In: GUIMARÃES, Ludmila V. M.; CARRETEIRO, Teresa C.; NACIUTTI, Jacyara R. *Janelas da pandemia*. São Paulo: Instituto DH, 2020. p. 230.

3.3.4 O legado da pandemia da Covid-19 ao fervor religioso pentecostal

Numa entrevista, Rodrigo Toniol falou sobre os estudos da religião em tempos de Covid-19. Segundo ele, “a pandemia trouxe uma verdadeira agenda de pesquisa, espero que tenhamos folego para explorá-la”¹⁵⁹. Nesse entendimento, reconhece-se que a mesma pandemia que trouxe um clima ameaçador e desafiador para as comunidades cristãs, tornou-se um promotor de reflexão, de criatividade, de posturas equilibradas e um palco de aquisição de conhecimentos e readaptações ao que realmente é essencial para existência humana. A pandemia da Covid-19 obrigou as pessoas a ficarem em casa, e muitos debates e críticas foram exacerbados de forma, como já mencionado, irresponsável e perigosamente, colocando a vida das pessoas em risco.

O fervor pentecostal, em sua dinâmica, cria um arquétipo coletivo e presencial em relação ao templo. Porém, a fé, como combustível do fervor religioso pentecostal, não pode ser idólatra. Segundo Paul Tillich, demanda-se olhar o condicionado como se fosse o incondicionado.¹⁶⁰ A religião verdadeira não trata a realidade física do símbolo, mas a mensagem abstrata expressada por ele, e, nessa perspectiva, em nenhuma circunstância, pode-se conturbar a verdade histórica, filosófica ou científica em detrimento do exercício da fé religiosa. Para Paul Tillich:

Hoje a palavra ‘fé’ causa mais desorientação do que cura. Ela confunde as pessoas, levando a extremos como ceticismo ou fanatismo [...]. Assim, não nos resta por enquanto nenhuma outra saída senão tentar reinterpretar esta palavra e excluir suas conotações distorcidas e enganadoras, as quais se lhe associaram através dos séculos.¹⁶¹

Segundo Claudio Noronha, as pessoas precisam reaprender a viver:

Nesse momento de ‘crise sanitária’, os seres humanos são ‘chamados’ a reaprender a viver. Essa deve ser a grande lição: ‘olhar’ outros humanos, e demais seres vivos, com respeito. O Sagrado está na convivência e na empatia. ‘Amar ao próximo como a si mesmo’. Faz-se urgente deixarmos o individualismo para viver uma sociedade coletiva, deixar para traz o ‘eu’ e construir o ‘nós’. A educação (humanizada) deve ser voltada para a colaboração e não para a competição.¹⁶²

Como se pode notar, os desdobramentos que a subjetivação da fé exerce no universo religioso podem gerar incompreensões, desorientações em relação à dinâmica dos

¹⁵⁹ TONIOL, Rodrigo. A miragem do novo normal. In: ESTADÃO [Site institucional]. 02 ago. 2020. [online]. [n.p.].

¹⁶⁰ TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 37.

¹⁶¹ TILLICH, 1985, p. 5.

¹⁶² REDE BRASIL. [Site institucional]. 30 ago. 2020. [online]. [n.p.].

acontecimentos mundiais. Sabe-se que o ser humano possui demandas e preocupações que permeiam o mundo filosófico emocional, físico e espiritual. Nesse prisma, as atitudes de uma pessoa em frequentar um templo, motivado pelo seu fervor religioso pentecostal, em busca de uma afirmação, compreensão ou satisfação de suas necessidades pode desencadear uma atitude negacionista. O motivo disso é que a fé religiosa pentecostal está baseada em preceitos bíblicos, por exemplo, no livro de Hebreus 11, 6, em que se lê: “sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam”. Essa crença provoca um sentimento de ambivalência posicional, no sentido que aquele/a que se aproxima deve mostrar uma dedicação total ao ser supremo para uma obtenção de suas demandas existenciais.

A crise da pandemia, com sua condição de isolamento, exigiu das igrejas, principalmente das pentecostais, um repensar em relação as suas estruturas funcionais e uma adequação ao novo modelo de prática religiosa, não institucionalizado ou imposta por líderes que reivindicam uma autoridade espiritual, supostamente dada por Deus. Emílio Willems chama isso de hierocracia, ou seja, o exercício do controle através da manipulação do sobrenatural por chefes deificados.¹⁶³

A pandemia quebra essa estrutura e reduz a manifestação do fervor religioso pentecostal às reuniões *on-line*, familiares e ao uso dos meios tecnológicos das redes sociais para divulgação de cerimônias e ritos religiosos. Um exemplo disso são as igrejas que celebraram a eucaristia e a santa ceia virtualmente. Trata-se de uma ação nunca vista antes, porém, a pandemia inovou a questão da cerimônia e manteve o fervor religioso individual, sem exigir a presença das pessoas em um templo.

Em suma, a pandemia da Covid-19, apesar do caos econômico em que as nações foram submetidas, do número de vítimas fatais, dos traumas psicológicos e das complexas e diversas sequelas deixadas na sociedade, positivamente, deixou uma pedagogia de superação para a sociedade em âmbito geral e para todas as lideranças religiosas, por mais carismáticas que elas sejam. A religião, em todos os seguimentos e vertentes – evangélica, pentecostal ou não –, possui possibilidades significativas de respostas espirituais, emocionais e sociais no propósito de manter a interação do real com abstrato, no sentido de proporcionar satisfação e plenitude no ser humano limitado, carente, frágil e suscetível às intempéries da existência humana.

¹⁶³ WILLEMS 1966, p. 122.

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou, de maneira pedagógica, destacar os desdobramentos do fervor religioso pentecostal, enfatizando o pentecostalismo brasileiro, em especial no que concerne à frequência aos templos nos tempos da pandemia da Covid-19. Em consequência, traçou-se um perfil evolutivo do pentecostalismo, em suas três ondas, em relação à disseminação do pentecostalismo no Brasil. A matriz pentecostal brasileira, segundo Gedeon Freire de Alencar, pode ser referenciada a partir das igrejas Assembleias de Deus. O pentecostalismo é um movimento em constante renovação, caracterizado pelo êxtase emocional, fornecendo para seus/suas frequentadores/as um sentimento de satisfação pessoal e de fortalecimento da relação humana-divino e fraternidade coletiva, tornando-se um movimento plástico e adaptável às demandas do povo das zonas urbanas e dos mais distantes rincões do Brasil. Desse modo, o fervor religioso pentecostal é absorvido e fortalecido nos cultos pentecostais, tendo como principais catalizadores a música, a oração e a oralidade, que são praticadas no interior dos templos.

Analisando o fervor pentecostal e a frequência aos templos nos tempos de pandemia da Covid-19, percebeu-se que a pandemia trouxe para a sociedade um contexto perpassado por situações contraditórias no âmbito das ciências, da religião e da política, o que, naturalmente, gerou impulsos capazes de aquecer e flexibilização a rigidez dos conceitos religiosos pentecostais, criando, assim, alternativas, trazendo respostas ao ser humano necessitado de esperança em meio aos conflitos existenciais. Concluiu-se, então, que a pandemia trouxe uma série de fatos que serviram como sinalizadores de uma postura de urgência a alternativas renovadoras, que mudaram não somente a conduta das religiões, mas, toda a sociedade arraigada a conceitos fixos e politizados.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, Edin S. *As moradas de Deus: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais*. São Paulo: Crista Novo Século, 2004.
- ALENCAR, Gedeon F. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2019.
- ALENCAR, Gedeon F. Pentecostalismo e ecumenismo: Deus e o diabo se (des) entendendo na terra do sol. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 220-239, 2014.
- ALENCAR, Gedeon F. Prefácio. In: OLIVEIRA, David M. (orgs.). *Pentecostanismos e transformação social*. São Paulo: Fonte, 2013. p. 15.
- ALMEIDA, Ronaldo. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 36-48.
- BAKHTIN, Mikhail. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro e João, 2010.
- BASTIAN, Jean-Pierre. *La mutacion religiosa de América Latina*. México: Fondo de Cultura econômico, 1997.
- BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001.
- BÍBLIA de Estudo Pentecostal [Autor dos comentários e notas: Donald Stamps]. Trad. João Ferreira de Almeida. ARC (Almeida Revista e Corrigida). Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Vitória: Unida, 2019.
- BOFF, Leonardo. *Reflexões de um velho teólogo e pensador*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 set. 2022.
- CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- CDCP [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/index.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

CÉSAR, Waldo. Sobrevivência e transcendência: vida cotidiana e religiosidade no pentecostalismo. *Revista Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v.16, n 1-2, p. 46-59, 1992.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim de século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 77-92.

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da geografia*. Florianópolis: UFSC, 2014.

COLEMAN, Simon. The charismatic gift. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, [s.l.], n. 10, p. 421-442, 2004.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOUGLAS, Mary. *Como pensam as instituições*. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

DREHER, Martin N. *Imigrações e história da igreja no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Santuário, 1999.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FAJARDO, Maxwell. *“Onde a luta se travar”*: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Prismas, 2017.

FONSECA, João José S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 64-112.

GEBARA, Ivone. Religião e a pandemia Covid-19. In: INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS [Site institucional]. 23 jun. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religião-ea-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-bebara>. Acesso em: 09 nov. 2022.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOUAISS, Antonio. Fervor. In: HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1332.

IBGE. *Censo 2010*. [s.d.]. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

JARVIS, G. K.; NORTHCOTT, H. C. Religion and differences in morbidity and mortality. *Journal Social Science and Medicine*, [s.l.], v. 25, n. 7, p. 813-824, 1987.

JUNG, Carl G. *A vida simbólica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LETRAS [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/fogo-no-pe/1356849/>. Acesso em: 25 set. 2022.

MACHADO, Mônica Sampaio (1993).” A lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial”. In: M Santos et al.(orgs) *O Novo mapa Mundo: Fim de Século e Globalização*: São Paulo:Ed. Hucitec.ANPUR, p.224-234.

MAFRA, Clara. *Na posse da palavra*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2002.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIZ, Cecilia. Reflexões sobre a reação afro-brasileira à guerra santa”. *Revista Debates do NER*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 95-102, 1997.

MARTINS, F. *Semiologia psicológica: a abertura do campo clínico psicológico*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

MARTON, Fábio. Porque os evangélicos fundamentalista usam Jesus para justificar a brutalidade militar. In: THE INTERCEPT BRASIL [Site institucional]. 16 out. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/10/16/evangelicos-fundamentalistas-jesus-brutalidade-militar/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MELO, Eduardo R.; BENATTE, Antonio P. *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.

MENDONÇA, Antônio G. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

MESLIN, Michel. *Fundamentos da antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MORAES, Isael A. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

MULLER, Fábio. *O templo cristão na modernidade: permanências simbólicas e conquistas figurativas*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NEGRÃO, Lísias N. Intervenção. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. (orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 130-135.

ORO, Ari P. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Revista Debater do NER*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 10-36, 1997.

PASSOS, João D. Pentecostalismo e modernidade: conceitos sociológicos e religião popular metropolitana. *Revista Nures*, São Paulo, a. 2, n. 2, p. 1-14, 2006.

PENA, Rodolfo A. O que é espaço geográfico? *In: BRASIL ESCOLA* [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-geografico.htm>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PORRECA, Wladimir. As religiões e a COVID-19: enfrentamento e adaptações. *In: GUIMARÃES, Ludmila V. M.; CARRETEIRO, Teresa C.; NACIUTTI, Jacyara R. Janelas da pandemia*. São Paulo: Instituto DH, 2020. p. 227-239.

PRIOLLI, Maria L. *Princípios básicos da música para juventude*. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Música, 1999.

REDE BRASIL. [Site institucional]. 30 ago. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/autor/Claudio-pereira-Noronha/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço & religião: uma abordagem geografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Valdevino R. Música e êxtase pentecostal. *In: CRIACIONISMO* [Site institucional]. 04 fev. 2009. Disponível em: <http://www.criacionismo.com.br/2009/02/musica-e-extase-pentecostal.html>. Acesso em: 04 fev. 2022.

SOUZA, Alexandre C. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai? Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Beatriz M. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Laura M. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

STF [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=6136541>. Acesso em: 25 set. 2022.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TONIOL, Rodrigo. A miragem do novo normal. *In: ESTADÃO* [Site institucional]. 02 ago. 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/miragem-novo-normal-rodrigo-toniol/>. Acesso em: 20 out. 2022.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

WILLEMS, Emílio. *Antropologia social*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.